

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras
Mestrado/Doutorado



Dissertação de Mestrado

**A SÍNCOPE NA REDUÇÃO VARIÁVEL DE PROPAROXÍTONAS E
PAROXÍTONAS TERMINADAS EM DITONGO CRESCENTE NO
PORTUGUÊS DE FALANTES ANALFABETOS E DE BAIXA
ESCOLARIZAÇÃO DA REGIÃO DE MOSTARDAS/RS E TAVARES/RS**

Miriam Beatriz Pedone de Souza

Pelotas, 2018

Miriam Beatriz Pedone de Souza

**A SÍNCOPE NA REDUÇÃO VARIÁVEL DE PROPAROXÍTONAS E
PAROXÍTONAS TERMINADAS EM DITONGO CRESCENTE NO PORTUGUÊS DE
FALANTES ANALFABETOS E DE BAIXA ESCOLARIZAÇÃO DA REGIÃO DE
MOSTARDAS/RS E TAVARES/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal de
Pelotas como requisito para a obtenção do título de
Mestre em Letras
Área de concentração: Linguagem, Texto e Imagem

Orientadora: Profa. Dr. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S111s Souza, Miriam Beatriz Pedone de

A síncope na redução variável de proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente no português de falantes analfabetos e de baixa escolarização da região de Mostardas/RS e Tavares/RS / Miriam Beatriz Pedone de Souza ; Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, orientadora. — Pelotas, 2018.

105 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Fonologia do português. 2. Acento marcado. 3. Síncope. I. Matzenauer, Carmen Lúcia Barreto, orient. II. Título.

CDD : 418

Miriam Beatriz Pedone de Souza

**A SÍNCOPE NA REDUÇÃO VARIÁVEL DE PROPAROXÍTONAS E
PAROXÍTONAS TERMINADAS EM DITONGO CRESCENTE NO PORTUGUÊS DE
FALANTES ANALFABETOS E DE BAIXA ESCOLARIZAÇÃO DA REGIÃO DE
MOSTARDAS/RS E TAVARES/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Data da Defesa:

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer - UCPel (orientadora)
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof^ª. Dr^ª. Cíntia da Costa Alcântara
Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Dermeval da Hora
Doutor em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Dedico esta dissertação aos meus pais, Manoel e Maria, ao meu irmão, Moisés. Agradeço por me apoiarem incondicionalmente em todos os momentos.

Agradecimentos

À Capes, pela bolsa concedida.

Aos meus pais, Manoel e Maria, por todo apoio dado a mim durante toda a minha vida, agradeço por sempre acreditarem em mim e me incentivarem a seguir em frente. Obrigada por tudo; amo vocês.

Ao meu irmão, Moisés, por desde pequena cuidar de mim com muito zelo e carinho, sempre me guiando e protegendo.

Ao meu companheiro de todas as horas, Pedro, meu parceiro para tudo, sempre ao meu lado, incentivando, motivando e cuidando de mim.

À minha orientadora e amiga, Prof^a. Dr^a. Carmen Lúcia Matzenauer, pela confiança desde o segundo trimestre da Faculdade, quando iniciei a Iniciação Científica, até o Mestrado; obrigada por acreditar em mim e pela sua contribuição à minha formação; és muito especial para mim.

Aos professores, por todo aprendizado que obtive durante este período em que fiz parte do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Católica de Pelotas, e aos alunos com os quais eu convivi.

À querida amiga, Ana, pelo cuidado que teve comigo durante o período do Mestrado; obrigada por todo carinho e por tudo que fizeste por mim.

Resumo

Miriam Beatriz Pedone de Souza. **A Síncope na Redução Variável de Proparoxítonas e Paroxítonas Terminadas em Ditongo Crescente no Português de Falantes Analfabetos e de Baixa Escolarização da Região de Mostardas/RS e Tavares/RS.** 2018. 101f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, 2018.

Este estudo buscou descrever, analisar e formalizar o tratamento dado por falantes do Português do Brasil a palavras com acento marcado, expresso em dois casos: em proparoxítonas (ex.: *médico*) e em paroxítonas terminadas em ditongo crescente (ex.: *pátio*). Seguindo uma abordagem de natureza sociolinguística, o foco da pesquisa fixou-se no emprego variável do acento considerado marcado na língua, em falantes analfabetos e de baixa escolarização da região de Mostardas/RS e Tavares/RS. Os dados foram analisados à luz da Fonologia Métrica (HALLE & VERGNAUD, 1987; BISOL, 1992) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994). O *corpus* do estudo, constituído por dados linguísticos de 12 Informantes – 6 analfabetos e 6 com baixa escolaridade –, foi obtido em entrevistas sociolinguísticas individualmente realizadas com cada informante, contando com a aplicação de instrumento específico relativo ao objeto de análise: as palavras proparoxítonas continham, nas duas últimas sílabas, as vogais *i_o* e *i_a*, separadas pelas consoantes /t/, /d/, /k/, /g/, como *crédito*, *ácido*, *dívida*, *crítico*, *África*, *código*; as palavras paroxítonas eram terminadas pelas sequências *io*, *ia*, precedidas pelas consoantes /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ como *olímpio*, *cópia*, *lábio*, *tíbia*, *pátio*, *hóstia*, *médio*, *colóquio*, *reliquia*. Esses contextos foram eleitos na busca de homogeneização do ambiente fonético-fonológico, bem como de palavras existentes na língua.

Os dados foram transcritos, fichados e submetidos ao programa computacional SPSS, com o controle de variáveis linguísticas e extralinguísticas. Os resultados estatísticos indicaram diferenças significativas entre os dois grupos em comparação: Informantes Analfabetos e Informantes de Escolaridade Baixa, sendo que apenas os Informantes Analfabetos aplicaram processos na produção das palavras portadoras de acento marcado. Dentre os processos de que as palavras com acento marcado foram alvo, dois foram apontados como significativos pela análise estatística: (a) o processo de elisão da última sílaba da palavra, nas proparoxítonas (*crédito* → *crédi*), (b) o processo de elisão da segunda vogal do ditongo, nas paroxítonas terminadas em ditongo crescente (*pátio* → *páti*), mostrando-se este ser característico da região investigada. Os dados revelaram que a síncope se fez presente como processo que tende a desfazer o acento marcado, manifestado em palavras proparoxítonas e em palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

Os processos aplicados pelos Informantes Analfabetos da pesquisa foram formalizados sob os pressupostos da Teoria Métrica, seguindo-se a proposta de Bisol (1992) para a atribuição do acento primário aos nomes do Português. A formalização permitiu que se explicitasse e se representasse a preservação da sílaba originalmente portadora do acento primário da palavra e que também se evidenciasse que os segmentos e/ou as sílabas alvo dos processos ocupavam posição não proeminente: ou a borda fraca do pé do acento primário da palavra ou a sílaba considerada extramétrica da palavra em sua representação subjacente. Pela formalização, foi possível concluir-se que as palavras proparoxítonas e as paroxítonas terminadas em ditongo crescente foram alvo, para esses falantes, de um único processo de síncope: a *síncope de sílaba subjacentemente extramétrica*. Esse resultado dá suporte ao entendimento de que as

palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente são proparoxítonas na representação subjacente.

Palavras-chave: Fonologia do Português; acento marcado; palavras proparoxítonas; palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente; síncope; Sociolinguística Variacionista; Fonologia Métrica.

Abstract

SOUZA, Miriam. B. P. de. **Syncope in variable reduction in proparoxytones and paroxytones ended in rising diphthong in Portuguese spoken by illiterate and low educated participants from Mostardas/RS and Tavares/RS.** December, 2018. 101f. Master thesis (master degree in Applied Linguistics), Federal University of Pelotas, Brazil

This study aimed to describe, analyse and formalize the linguistic behavior of Brazilian Portuguese speakers on marked stressed syllable words, which can be found in two different cases: in proparoxytone words (e.g.: “médico”) and also in paroxytone ended in rising diphthongs (e.g.: “pátio”). According to the Sociolinguistics approach, this study focused on how illiterate and low educated participants from Mostardas (RS) and Tavares (RS) considered the variable marked stress. Data were analysed based on Metrical Phonology (HALLE & VERGNAUD, 1987; BISOL, 1992) and Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972,1994). The *corpus* was constituted of linguistic data of 12 (twelve) participants – 6 illiterate and 6 with low education level. Data was collected in Sociolinguistic individual interviews and also with a specific data collection instrument, considering the main objective of this study: proparoxytone words ended in “i_o” and “i_a”, with intervenient consonants like /t/, /d/, /k/, /g/ (e.g.: “crédito, ácido, dívida, crítico, África, código”); paroxytone words ended in “io” and “ia”, preceded by /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ (e.g.: “olímpio, cópia, lábio, tibia, pátio, hóstia, médio, colóquio, relíquia”). These contexts were chosen in order to balance the phonetic-phonological environment, as well as existent words in the language. Data were transcribed, organized and finally statistically treated on SPSS software, considering and controlling linguistics and extralinguistic variables. Results indicated significative difference between the compared groups (illiterate *versus* low educated participants). It is relevant to mention that illiterate participants performed phonological processes when producing marked stressed syllable words. Among the phonological phenomena performed found in this study, two of them were considered statistically significant: (a) elision, occurring in the last syllable of words, in proparoxytone (“crédito” → “crédi”); (b) elision, occurring on the second vowel in paroxytones ended in rising diphthongs (“pátio” → “páti”), therefore being considered a characteristic from the analysed region. Data indicated syncope was a specific process which disrupts the marked stress, found in proparoxytones and in paroxytones ended in rising diphthongs. The processes performed by the Illiterate Participantes were formalysed under the light of the Metrical Theory, according to Bisol (1992) proposal for the attribution of primary stress given to nouns in Portuguese. This formalization allowed the emergence and also representation of the genuine primary stressed syllable. It also made clear that segments and/or syllables that were main target of these processes occupied non-proeminent syllable position: either the weak edge of the primary stress feet of the word or syllable was considered to be extrametrical from the word in its underlying representation. Through formalization, it was possible to conclude that proparoxytone words and paroxytones ending in rising diphthong were targets, for these speakers, on a single syncope process: the underlying extrametrical syllable. This result supports the idea that paroxytone words ending in rising diphthong are proparoxytone in the underlying representation.

Keywords: Portuguese language Phonology; marked stress, proparoxytone words; paroxytone words ended in rising diphthong, syncope, Variationist Sociolinguistics; Metrical Phonology.

Lista de Figuras

Figura 1 - Imagem de parte da estrada entre Mostardas a Porto Alegre nos anos 90.....	43
Figura 2 - Imagem de parte da estrada entre Mostardas a São José do Norte nos anos 90	44
Figura 3 - Mapa do Rio Grande do Sul, com a localização das cidades de Mostardas e Tavares	48

Lista de Gráficos

Gráfico 1 - Representação da aplicação de processos a palavras proparoxítonas pelos Informantes Analfabetos	59
Gráfico 2 - Representação da aplicação do Processo A (elisão da vogal postônica, criando uma sílaba com coda) a palavras proparoxítonas apenas pelos Informante 4 e 5.....	60
Gráfico 3 - Representação da aplicação do Processo B (elisão da última sílaba da palavra) a palavras proparoxítonas pelos Informante 3,4, 5 e 6	60
Gráfico 4 - Representação da aplicação do Processo C (elisão da consoante postônica, criando um ditongo crescente) a palavras proparoxítonas pelos Informante 4, 5 e 6	61
Gráfico 5 - Representação da aplicação do Processo D (alteração do acento, criando uma palavra paroxítona) a palavras proparoxítonas apenas pelos Informantes 1 e 2.....	61
Gráfico 6 - Representação da aplicação de processos a palavras paroxítonas terminadas em ditongo pelos Informantes Analfabetos	65
Gráfico 7 - Representação da aplicação do Processo A (elisão da 2ª vogal do ditongo) a palavras paroxítonas terminadas em ditongo, presente nos dados dos seis Informantes Analfabetos	67
Gráfico 8 - Representação da aplicação do Processo B (elisão da última sílaba) a palavras paroxítonas terminadas em ditongo pelo Informante 4.....	67
Gráfico 9 - Representação da aplicação do Processo C (epêntese) a palavras paroxítonas terminadas em ditongo	68
Gráfico 10 - Representação da aplicação do Processo D (metátese) a palavras paroxítonas terminadas em ditongo pelo Informante 6	68
Gráfico 11 - Representação da aplicação de processos às palavras extras proparoxítonas produzidas pelos Informantes Analfabetos.....	73

Lista de Quadros

Quadro 1 - Caracterização dos Informantes participantes da pesquisa.....	50
Quadro 2 - Variáveis independentes controladas na pesquisa.....	52
Quadro 3 - Relação das palavras proparoxítonas integrantes na pesquisa.....	53
Quadro 4 - Relação das palavras paroxítonas terminadas em ditongo usadas na pesquisa	54
Quadro 5 - Processos aplicados às palavras proparoxítonas pelos Informantes Analfabetos (palavras proparoxítonas).....	57
Quadro 6 - Processos aplicados às palavras paroxítonas terminadas em ditongo pelos Informantes Analfabetos (49 palavras paroxítonas)	63
Quadro 7 - Relação das palavras extras desta pesquisa – palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo usadas na pesquisa.....	71
Quadro 8 - Processos aplicados às palavras extras proparoxítonas pelos Informantes Analfabetos	72
Quadro 9 - Exemplos de produção das palavras extras proparoxítonas produzidas pelos Informantes Analfabetos.....	74
Quadro 10 - Resultados da análise estatística dos processos aplicados na produção de palavras proparoxítonas pelos Informantes Analfabetos: número de informantes, média, desvio padrão e percentis – Estatísticas Descritivas	77
Quadro 11 - Valores dos ranks dos dados analisados no teste estatístico com referência às palavras proparoxítonas – Classificações	78
Quadro 12 - Valores do teste estatístico referentes para cada processo aplicado nas palavras proparoxítonas pelos Informantes Analfabetos – Test Statistics	79
Quadro 13 - Resultados da análise estatística dos processos aplicados na produção de palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente pelos Informantes Analfabetos: número de informantes, média, desvio padrão e percentis – <i>Estatísticas Descritivas</i>	81
Quadro 14 - Valores dos ranks dos dados analisados no teste estatístico com referência às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente – Classificações	82
Quadro 15 - Valores do teste estatístico referentes para cada processo aplicado nas palavras paroxítonas terminadas em ditongo pelos Informantes Analfabetos – Test Statistics.....	82

Sumário

1 Introdução	14
1.2 Justificativa	15
1.3 Questões de Pesquisa.....	16
1.4 Objetivos	17
1.4.1 Objetivo Geral	17
1.4.2 Objetivos Específicos.....	17
1.5 Hipóteses	17
2 Referencial Teórico	19
2.1 A Sociolinguística e os Fenômenos Linguísticos Variáveis.....	19
2.1.1 Contextualizando a Sociolinguística	19
2.1.2 Sociolinguística Variacionista	22
2.2 A Variação no Acento Marcado – o Objeto deste Estudo	27
2.2.1 Proparoxítonas: do Latim ao Português	30
2.2.2 Proparoxítonas no Português.....	31
2.2.3 Paroxítonas no Português.....	33
2.2.4 Ditongos.....	34
2.3 Teoria Métrica	36
3 Metodologia	42
3.1 caracterização das Cidades	42
3.1.1 A cidade de Mostardas.....	43
3.1.2 A cidade de Tavares	47
3.2 Informantes.....	48

3.3 Procedimentos para Coleta de Dados e Determinação das Variáveis	49
3.4 Instrumento.....	52
3.5 Análise estatística	54
4 Descrição e Análise Estatística dos Dados	56
4.1 Descrição e Análise dos Dados Referentes às Proparoxítonas e às Paroxítonas Terminadas em Ditongo.....	56
4.1.1 A produção de palavras proparoxítonas	57
4.1.2 A produção de palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente.....	63
4.1.3 A produção de palavras extras.....	70
4.2 Análise Estatística dos Dados	76
4.2.1 Análise estatística dos processos aplicados às palavras proparoxítonas	77
4.2.2 Análise estatística dos processos aplicados às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente	79
5 Formalização dos Dados à Luz da Teoria Métrica	84
5.1 Formalização dos processos aplicados às palavras proparoxítonas, à luz da Teoria Métrica	85
5.2 Formalização dos processos aplicados às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, à luz da Teoria Métrica	87
6 Conclusão.....	92
Referências.....	96
Anexos	100
Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	101
Anexo B - Ficha Social.....	103

1 Introdução

Para a fonologia, o conceito de palavra está vinculado ao acento: as palavras são consideradas fonológicas quando portam um acento tônico, ou seja, quando apresentam uma sílaba proeminente. Essa proeminência, no Português, pode ocupar três posições, a partir da borda direita da palavra: as palavras podem ser oxítonas (*sofá, café, cipó*), paroxítonas (*casa, borboleta, hífen, tênis, réptil*) e proparoxítonas (*bucólico, tópico, xícara*).

O acento tônico não marcado, mais natural e frequente na língua, ocorre em dois casos: em palavras paroxítonas terminadas em vogal, como em *casa, amigo, felicidade*, e em palavras oxítonas terminadas em consoante, como em *legal, amor, rapaz*.

O acento tônico marcado ocorre, portanto, em palavras paroxítonas terminadas em consoante ou em ditongo (*tédio, bíceps, açúcar*), em palavras oxítonas terminadas em vogal (*balé, brechó, crachá*) e em palavras proparoxítonas (*acadêmico, antídoto, dúvida*).

Os falantes do Português Brasileiro (doravante PB) podem apresentar estratégias/processos de evitação do acento marcado. Exemplos desses processos são: apagamento (elisão ou síncope¹) de segmentos ou de sílabas (*fósforo – fosfru; médico – medi*) e troca da posição do acento (*pântano – pantano, crisântemo – crisantemo*); a literatura (LEMLE, 1978) sobre o tema registra a prevalência da redução de palavras que detêm acento marcado, pois desse tipo de processo tendem a resultar palavras com acento não marcado.

Considerando-se a tendência à evitação do que é marcado na língua, a presente pesquisa foi proposta com objetivo geral de descrever, analisar e formalizar o tratamento dado por falantes de PB a palavras com acento marcado, expresso em dois casos: em palavras proparoxítonas (ex.: *médico*) e em palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente (ex.: *pátio*) – no nível fonético da língua, estes são dois tipos de acento; no nível fonológico, considera-se que todas estas palavras são portadoras do acento proparoxítono². Buscando também verificar-se o emprego de formas variáveis no uso de fatos considerados marcados na língua, estabeleceu-se o foco da pesquisa em falantes analfabetos e de baixa escolarização da

¹No presente estudo, o termo *síncope* é empregado como equivalente a elisão ou apagamento de segmento no interior de uma palavra fonológica.

²Na Seção 2.3, esse fato é explicitado.

região de Mostardas/RS e Tavares/RS. Os dados são analisados à luz da Fonologia Métrica (HALLE & VERGNAUD, 1987; BISOL, 1992) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1966).

1.2 Justificativa

O foco desta investigação foi centrado no emprego de palavras com acento marcado no PB a partir da constatação de escassez de estudos sobre diferentes processos de redução de palavras com acento marcado no Português: as pesquisas concentram-se na síncope vocálica (*abóbora* - *abo[br]a*), como os estudos de Bisol, por exemplo, deixando de analisar, por exemplo, a síncope consonantal (*médico* - *med[ju]*).

O processo de redução faz parte da evolução do português. Coutinho (1976) lembra que o processo de redução já ocorreu no latim vulgar, que se caracteriza, entre outros fatores, pela tendência a evitar o uso de palavras proparoxítonas, tendo sido substituídas por paroxítonas.

Há, no português, a tendência à evitação do acento marcado, sendo, nesse caso, privilegiado o emprego de processos de redução da palavra, tendendo a resultar vocábulos com acento não marcado. A evitação do acento marcado, que é foco desta pesquisa, tem recebido pouca atenção se forem consideradas, de um lado, a abordagem de forma integrada de palavras proparoxítonas e palavras paroxítonas terminadas em ditongo, e, de outro, a observação de seu comportamento no uso da língua por pessoas analfabetas ou de baixa escolarização.

Com foco em processos de evitação de casos de acento marcado no PB, a presente pesquisa poderá contribuir para discussões relevantes sobre o acento tônico marcado na língua. Além disso, como um dos tipos de acento marcado objeto de análise inclui a presença de ditongos crescentes, também levará à abordagem desse tema, já que há autores, como Bisol (1989), que defendem ser o ‘ditongo decrescente’ o verdadeiro ditongo do Português. Além disso, a presente proposta de pesquisa, ao tratar de acento, traz à tona, necessariamente, a questão do peso silábico, engajando-se na discussão, já proposta por Bisol (1992) e Lee (1995), sobre o português ser ou não uma língua sensível ao peso silábico na atribuição do acento primário a palavras fonológicas.

Justifica-se, assim, a presente proposta de investigação por seu tema pouco estudado, por sua pertinente e atual base teórica, pela abordagem de cunho sociolinguístico e também pelas discussões que deverá promover sobre fatos da fonologia do português.

No contexto que motivou a presente pesquisa, diferentes questões foram suscitadas.

1.3 Questões de Pesquisa

Considerando-se o recorte do objeto do estudo, propuseram-se quatro questões cujas respostas se fariam indispensáveis para o desenvolvimento da investigação:

(i) Como são tratadas, por falantes analfabetos e de baixa escolaridade da região de Mostardas/RS e Tavares/RS, as palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente? Há variação no seu emprego? Há a produção de síncope nessas palavras? Quais são os tipos de síncope?

(ii) É possível determinarem-se diferentes níveis de marcação do padrão acentual proparoxítono e paroxítono terminado em ditongo, a partir do emprego variável do processo de síncope?

(iii) Há diferença no emprego variável do processo de síncope por falantes analfabetos e de baixa escolaridade?

(iv) Como se explicam os diferentes tipos de síncope em palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente à luz da Teoria Métrica?

A busca das respostas a essas questões levou ao delineamento dos objetivos que nortearam o traçado da presente pesquisa.

1.4 Objetivos

1.4.1 Objetivo Geral

Descrever, analisar e formalizar o tratamento dado a palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente, que portam acento marcado no PB, por falantes analfabetos e de baixa escolarização da região de Mostardas/RS.

Esse objetivo geral foi desdobrado em quatro objetivos específicos, formulados no sentido de responder às questões motivadoras da presente investigação.

1.4.2 Objetivos Específicos

- (i) Descrever os tipos de síncope que falantes analfabetos e de baixa escolaridade da região de Mostardas/RS mostram nas palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente;
- (ii) Discutir níveis de marcação do padrão acentual proparoxítono e paroxítono terminado em ditongo, a partir do emprego variável do processo de síncope;
- (iii) Verificar se a escolarização, mesmo em baixo índice, implica diferença, no emprego variável do processo de síncope, por falantes analfabetos e de baixa escolaridade;
- (iv) Analisar os resultados do emprego variável do processo de síncope a palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente à luz da Teoria Métrica.

1.5 Hipóteses

As hipóteses subjacentes ao desenvolvimento da presente investigação são duas:

- 1) o acento marcado, no uso do PB, é evitado primordialmente pelo processo de síncope em palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente;

2) o processo de síncope pode implicar o apagamento de segmento vocálico, de segmento consonantal ou de sílaba e a busca de acento não marcado, no tratamento de palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente, mostra maior incidência em falantes analfabetos do que em falantes alfabetizados, mesmo que seja baixa a sua escolarização, pois o simples contato com a escrita, mesmo em casos de poucos anos de frequência na escola, e o acesso à informação que passa a tornar-se disponível ao indivíduo, pode introduzi-lo em diferentes usos e variantes da língua.

Quanto à estrutura, a presente Dissertação encontra-se dividida em seis capítulos. Dando continuidade à introdução, o segundo capítulo traz a fundamentação teórica do estudo, que resume os pressupostos teóricos que dão suporte às análises e às discussões dos resultados, em uma organização em duas partes: a primeira seção diz respeito à Sociolinguística Variacionista e a segunda seção apresenta a teoria fonológica na qual está ancorada a interpretação e a formalização dos dados da pesquisa, a Teoria Métrica.

O Capítulo 3, referente à metodologia, subdivide-se em cinco subseções: na primeira subseção, são descritos os aspectos relevantes para a caracterização das cidades nas quais foi coletado o *corpus* deste estudo: Mostardas/RS e Tavares/RS; na segunda, são apresentadas as informações sobre os informantes cujos dados linguísticos constituíram o *corpus* da pesquisa, bem como os critérios utilizados para a sua seleção; na terceira, são apresentadas as variáveis controladas na investigação; na quarta, é caracterizado o instrumento utilizado para a coleta de dados; a quinta subseção trata da análise estatística empregada no estudo, o SPSS.

No capítulo 4, são descritos e analisados os resultados obtidos por meio das análises estatísticas, estando dividido em quatro seções: primeiramente são descritos os dados relativos às palavras proparoxítonas e, posteriormente, os dados relativos às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Também são apresentados dados obtidos pela produção de chamadas ‘palavras extras’, já que foram obtidas em produção linguística espontânea, indo além daquelas eliciadas pelo instrumento. Por fim, são mostrados os resultados do tratamento estatístico dado aos processos aplicados pelos informantes às palavras produzidas a partir do instrumento proposto.

O capítulo 5 traz a análise fonológica, com a formalização dos dados à luz da Teoria Métrica e divide-se em duas seções: a primeira refere-se à formalização dos processos aplicados às palavras proparoxítonas, à luz da Teoria Métrica, e a segunda seção traz a formalização dos processos aplicados às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, também à luz da Teoria Métrica.

Por fim, no Capítulo 6, são mostradas as conclusões finais do estudo, bem como as suas limitações e sugestões para pesquisas futuras.

2 Referencial Teórico

Neste capítulo, apresentaremos o quadro teórico que fundamenta o desenvolvimento desta pesquisa e traz de forma breve os aspectos mais significativos dos pressupostos teóricos que servirão de base para a análise e interpretação dos dados coletados. A fundamentação teórica deste estudo apresenta uma primeira parte que trata da Sociolinguística, particularmente da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972,1994), e uma segunda parte que fala sobre a Teoria Métrica (HALLE & VERGNAUD, 1987), com particular atenção à abordagem que Bisol (1992) propõe para a explicação da atribuição do acento primário a palavras do português.

2.1 A Sociolinguística e os Fenômenos Linguísticos Variáveis

Incluíram-se pressupostos da Sociolinguística no presente capítulo da Dissertação em virtude de o foco do estudo desenvolvido ter sido um fenômeno linguístico cuja natureza se mostrou variável.

2.1.1 Contextualizando a Sociolinguística

A ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua foi a Linguística, conforme o pensamento de Saussure (2006). Para Saussure, todas as manifestações da linguagem humana, seja de qualquer época, constituem matéria da Linguística. Para o linguista supracitado, a tarefa dessa ciência consiste em:

- fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família;
- procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- delimitar-se e definir-se a si própria. (SAUSSURE, 2006, p.13)

Foi nesse contexto conceptual que o estudo da língua assumiu, no início do século XX, dimensão que pode ser considerada inovadora. Fala-se do período entre o final do século XIX e o início do século XX, quando o modo de olhar a língua culta como a única forma de expressão passível de estudo começou a sofrer críticas. Surge, assim, a Linguística Moderna, que considera, prioritariamente, o estudo da língua falada, apesar de também se ocupar da expressão escrita (PETTER, 2011).

De acordo com Marcuschi (2008, p.37), na perspectiva pragmática, o que interessa, em primeiro plano, é a análise dos usos, considerando as situações concretas que envolvem o funcionamento da língua. Assim comenta o autor:

Sabemos que as línguas são empregadas no dia a dia das mais variadas maneiras e não de forma rígida. Os estudos discursivos e pragmáticos tentam esclarecer como se dá essa produção de sentidos relacionados aos usos efetivos: o sentido se torna algo situado, negociado, produzido, fruto de efeitos enunciativos e não algo prévio, imanente e apenas identificável como um conteúdo.

Considerando que também aspectos estruturais das línguas podem sofrer alterações por condicionamento a situações de uso e a características dos falantes, surgiu a *Sociolinguística*, área da linguística que estuda a língua em seu uso real. Cezário e Votré (2011) afirmam que a Sociolinguística leva em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Os autores destacam que, sob esse ponto de vista, a língua é vista como uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação (CEZÁRIO; VOTRE, 2011, p.141).

O termo *Sociolinguística* surgiu em meados de 1950, mas a proposta investigativa somente desenvolveu-se como corrente na década de 60, nos Estados Unidos, em um contexto de inclusão do componente social como fator de relevância para o conhecimento sobre a

língua. Tarallo (2003, p. 7) enfatiza que foi William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada.

A linguagem tem papel fundamental na história da sociedade, confirmando a necessidade de observar a influência que o fator social representa para a sua evolução. Calvet (2002, p.12) é categórico ao afirmar que as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes.

Lucchesi (2004, p. 198) destaca que o princípio teórico básico da concepção do objeto de estudo proposta pela sociolinguística era o de **quebrar a identificação entre estruturalidade e homogeneidade** (grifo do autor).

Com a ideia de língua heterogênea, mutável e com variações decorrentes de fatores sociais será fundamentada a análise proposta nesta Dissertação, cujo objetivo, conforme já referido, foi direcionado à investigação, à luz da Sociolinguística Variacionista e da Teoria Métrica, o processo de síncope que atua variavelmente sobre palavras proparoxítonas e paroxítonas terminada em ditongo crescente, produzidas por falantes analfabetos e de baixa escolaridade da região de Mostardas/RS.

2.1.2 Sociolinguística Variacionista

William Labov desenvolveu em grande parte a Sociolinguística que é conhecida como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação. De acordo com Cezário e Votre (2011, p.142), essa teoria baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece do seu uso.

Ao desenvolver a teoria da variação e da mudança, Labov (1972) entende a língua como um fenômeno heterogêneo, havendo uma correlação entre usos e estruturas linguísticas. Nessa perspectiva, as estruturas linguísticas são dinâmicas e flexíveis porque os falantes agem e interagem em espaços/contextos – geográficos, sociais e temáticos – que têm reflexos em sua produção (cf. CASTILHO, 2010). Esse modelo de análise linguística, proposto por Labov, segundo Tarallo (2003), é também rotulado de Sociolinguística Quantitativa, por trabalhar com números e tratamento estatístico dos dados coletados.

Seguindo Hora (2011, p.99), o referido modelo

[...] busca a ordenação da heterogeneidade e considera a variação inerente ao sistema linguístico, sistemática, regular e ordenada. Propõe-se explicá-la, descrevê-la, relacionando-a aos contextos social e linguístico. A Teoria da Variação enfatiza a variabilidade e concebe a língua como instrumento de comunicação usado por falantes da comunidade, num sistema de associações comumente aceito entre formas arbitrárias e seus significados.

Os variacionistas defendem que a variação não pode ser vista como um efeito do acaso; ela deve ser percebida como um efeito cultural, que é motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos; ela não é assistemática (WEINREICH, LABOV & HERZOG (2006[1975])).

Em sua proposta, Labov (1962) enfatiza que a variação linguística é natural e essencial à linguagem humana; sendo assim, a ausência da variação na linguagem seria o que exigiria explicação e não a sua presença.

Comungando das ideias de Labov, Castilho (2010, p. 197) aponta:

As línguas são constitutivamente heterogêneas, pois através delas temos de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos, em nosso dia a dia. Elas são também inevitavelmente voltadas para a mudança, pois os grupos humanos são dinâmicos, e as línguas que eles falam precisam adaptar-se às novas situações históricas.

Logo, a Sociolinguística considera a relação entre língua e sociedade. Compete à Sociolinguística investigar a variação, analisando o seu grau de estabilidade e de mutabilidade, além de diferenciar as variáveis que atuam favoravelmente ou desfavoravelmente sobre as variantes, com finalidade de prever o seu comportamento sistemático.

A esse respeito, Mattos e Silva (2004, p. 299) afirma que

O grande avanço da sociolinguística se funda basicamente na sua conceituação de língua como sistema intrinsecamente heterogêneo, em que se entrecruzam e são correlacionáveis fatores intra e extralinguísticos, ou seja, fatores estruturais e fatores sociais (como classe, sexo, idade, etnia, escolaridade, estilo).

Para Cunha, Costa e Martelotta (2011), a capacidade da linguagem, eminentemente humana, parece implicar um conjunto de características; destacam-se duas, por se apresentarem como fundamentais para o embasamento da presente pesquisa:

a) *Uma base sociocultural, que atribui à linguagem humana os aspectos variáveis que ela apresenta no tempo e no espaço* – a linguagem está relacionada à forma como os indivíduos interagem entre si, refletindo tendências de comportamento delimitadas socialmente; como a vida, em função da evolução cultural, muda com o tempo, as línguas acabam sofrendo mudanças decorrentes de modificações nas estruturas sociais e políticas.

b) *Uma base comunicativa, que fornece os dados que regulam a interação entre os falantes* – a linguagem se manifesta no exercício da comunicação; assim, existem aspectos provenientes da interação entre os indivíduos que se revelam na estrutura das línguas.

Analisando-se as duas características, vê-se que são intrinsecamente relacionadas. Destaca-se ainda que a variação pode ocorrer em todos os níveis da língua: do fonético-fonológico ao estilístico-pragmático. A esse respeito, esclarece Faraco (2005, p.34-5):

qualquer parte da língua pode mudar, desde aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática. A classificação geral das mudanças é feita utilizando-se os diferentes níveis comuns no trabalho de análise linguística. Assim, na história de uma língua, pode haver mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, lexicais, pragmáticas.

Bagno (2007) explica e exemplifica sua ocorrência em cada um dos níveis mencionados por Faraco:

a) Variação fonético-fonológica – ocorre quando uma palavra é pronunciada de maneiras diferentes. Ex.: as diversas formas de se pronunciar o /r/ da palavra *porta* no português brasileiro – *porta* → po[P]ta ~ po[ʔ]ta ~ po[h]ta ~ po[ʃ]ta.

b) Variação morfológica – ocorre quando termos que expressam a mesma ideia são construídos com sufixos diferentes. Ex.: *pegajoso*(-oso) e *peguento*(-ento).

c) Variação sintática – ocorre quando a posição dos termos de formas diferentes nas frases veiculam o mesmo sentido. Ex.: *Uma história que ninguém prevê o final* / *Uma história que ninguém prevê o final dela* / *Uma história cujo final ninguém prevê*.

d) Variação semântica – ocorre quando o significado e/ou o sentido de uma

palavra varia dependendo da origem regional do falante. Ex: *Vexame* pode significar *vergonha* ou *pressa*.

e) Variação lexical – ocorre quando palavras diferentes referem o mesmo ser. Ex: *mandioca*, *macaxeira* e *aipim* designam o mesmo tubérculo.

f) Variação estilístico-pragmática – ocorre quando expressões são usadas com maior ou menor grau de formalidade, dependendo do ambiente e da intimidade entre os interlocutores nas diferentes situações de interação, podendo ser pronunciadas pelo mesmo interlocutor. Ex: *Por favor*, *queira sentar* / *Senta aí logo* / *Vamo sentano aí, pessoal*.

Observa-se que há consenso entre os linguistas quanto ao fato de que as línguas variam no espaço temporal sincrônico e que mudam no curso do tempo. É, pois, infundado defender-se a existência de uma unidade/uniformidade linguística. Os trabalhos de Bortoni-Ricardo (2004) destaca alguns fatores que, dentre os muitos possíveis, se têm revelado instigantes para os estudos da linguagem. São aqui referidos:

a) Origem geográfica – há variação da língua de um lugar para outro; dessa forma podem-se investigar os diferentes falares: das regiões, dos estados, dentro do mesmo estado, dos espaços urbano ou rural, etc.

b) *Status* socioeconômico – a variação ocorre entre pessoas com níveis de renda diferenciados: baixo, médio, alto, muito alto; este é um fator relevante, pois, no Brasil, a desigualdade de renda é muito grande.

c) Grau de escolarização – é fator importante na configuração dos usos da língua entre os diferentes indivíduos: o maior ou menor acesso à educação, à cultura letrada, às práticas de leitura e escrita implica o uso de variedades diferentes da língua.

d) Idade – as diversas gerações se expressam de formas variadas: as pessoas de hoje falam de forma diferente de pessoas de gerações anteriores; um adolescente não fala do mesmo modo que seus pais.

e) Sexo – mulheres e homens fazem uso dos recursos que a língua oferece de maneiras distintas; um exemplo referido na literatura é que as mulheres usam mais diminutivos; a linguagem dos homens é mais marcada por palavrões.

f) Mercado de trabalho – a atividade profissional de cada indivíduo influencia na sua atividade linguística: professores, jornalistas, advogados não utilizam os mesmos recursos linguísticos, por exemplo, que um encanador, um cortador de cana, um pedreiro; enquanto

estes utilizam estilos menos monitorados, aqueles precisam fazer uso de estilos mais monitorados, porém devem ser capazes de variar seu repertório sociolinguístico com segurança.

g) Redes sociais – cada indivíduo adota o comportamento semelhante das pessoas com quem convive em seu grupo, em sua rede social.

h) Estilo – cada indivíduo tem seu estilo pessoal, ou seja, possui uma maneira única de falar; varia o modo de falar de acordo com a situação de interação em que se encontra.

Considerando-se as variadas possibilidades de uso de uma língua, é preciso que se considere a liberdade relativa do falante, adequando-a às mais diferentes situações de interação. De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p.73),

Em situações que exijam mais formalidade, porque está diante de um interlocutor desconhecido ou que mereça grande consideração, ou porque o assunto exige um tratamento formal, o falante vai selecionar um estilo mais monitorado; em situações de descontração, em que seus interlocutores sejam pessoas que ele ama e em que confia, o falante vai sentir-se desobrigado de proceder a uma vigilante monitoração e pode usar estilos mais coloquiais. Em todos esses processos, ele tem sempre de levar em conta o papel social que está desempenhando.

A diversidade linguística pode ser categorizada, conforme Coseriu (1980), como variação diatópica, diastrática, diamésica, diafásica e diacrônica.

Para a apreensão de cada conceito, recorre-se à apresentação formulada por Coelho (2007):

a) Variação diatópica – também chamada de regional ou geolinguística, é a variação linguística existente nas diferentes regiões em que determinada língua é falada.

b) Variação diastrática – é a diferença no sistema linguístico observada entre diferentes estratos da população, que têm entre si distinções sociais e/ou culturais, decorrentes do nível de escolaridade, do local de origem (urbano/rural) etc.

c) Variação diamésica – comporta as diferenças existentes entre as modalidades de expressão da língua: oral e escrita. Nessa categoria, acomoda-se o conceito de *gêneros discursivos*.

d) Variação diafásica – é o uso diferenciado que o indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento em determinada situação; ocorre dentro de um grupo o

mais homogêneo possível, tomando-se a mesma época, mesma região, mesmo nível social, mesmo sexo, idade e profissão dos falantes.

e) Variação diacrônica – de acordo com Dubois (1988, p.609), chama-se variação diacrônica o fenômeno pelo qual, na prática corrente, uma língua não é, jamais, numa época, num lugar e num grupo social dados, idêntica ao que ela é noutra época, noutro lugar e noutro grupo social.

Há consenso entre os autores que corroboram o pensamento de que não há qualquer variedade nacional, regional ou local intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta” que outra. Cita-se Soares (1989, p.42), quando afirma:

[...] do ponto de vista puramente linguístico, é inadmissível usar os critérios de certo e errado em relação ao uso da língua. O que se considera errado não é linguisticamente melhor nem pior que o que se considera certo; é apenas aquilo que difere da norma de prestígio, socialmente privilegiada.

Ainda merece ser mencionado o pensamento expresso por Cunha, Costa e Martelotta (2011,p.20): a linguística considera que língua nenhuma é melhor ou pior que outra, pois todo sistema linguístico tem a capacidade de expressar a cultura do povo que a fala, de forma adequada.

Tarallo (2003, p.8) afirma que a um conjunto de variantes se dá o nome de *variável linguística*. Labov (1972) e também Tarallo (1986) definem variantes como sendo duas ou mais formas de dizer a mesma coisa no mesmo contexto.

Na Sociolinguística, qualquer variação que a língua apresente é considerada legítima, independentemente de região, escolarização, gênero, ou grupo social que a utilize. Desse modo, a Sociolinguística parte do princípio de que os usos linguísticos alternativos à variante padrão não são de forma alguma aleatórias e caóticas, uma vez que a diversidade, a materialização da variação, é constitutiva do fenômeno linguístico e, portanto, condicionada por fatores de natureza interna(estrutural) ou externa (social) à língua.

Na busca da regularidade que deve existir no tratamento que pessoas analfabetas e com baixa escolarização possam atribuir a palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo, foi desenvolvida a pesquisa relatada na presente Dissertação.

2.2 A Variação no Acento Marcado – o Objeto deste Estudo

Dentre os casos de existência de variação no Português do Brasil, estão as palavras com acento proparoxítono. No PB, embora o acento tônico possa ocupar três posições, os não marcados são os vocábulos paroxítonos terminados em vogal e os oxítonos terminados consoantes; o acento proparoxítono, portanto, é marcado na língua. Além disso, a frequência de palavras proparoxítonas é baixa no léxico do PB, sendo as paroxítonas aquelas mais representadas na língua, como refere Câmara Jr. (1976). Esses dois fatos – o acento marcado e a baixa frequência no léxico – são motivadores da promoção de formas variáveis de palavras proparoxítonas, considerando-se as características estruturais da língua portuguesa.

Além dos fatores linguísticos, outros, de cunho social, como escolaridade, por exemplo, podem influenciar a existência de variação no uso de vocábulos proparoxítonos, ocasionando formas, por exemplo, com o processo de síncope vocálica (*xícara*→*xicra*; *fósforo*→*fosfru*; *abóbora*→*abobra*), conforme registram Aguilera (1994), Aragão (2000) e Amaral (2000) dentre outros. Esse é um fenômeno facilmente perceptível na linguagem popular e tem sido alvo de estudos, como os acima referidos. A pesquisa realizada por Marisa Amaral (2000) aponta que a escolaridade é o principal desencadeador do processo de apagamento de vogal postônica não final em palavras proparoxítonas, confirmando que a escola é um fator que tende a preservar a variedade padrão.

As pesquisas realizadas sobre formas variáveis relativas a vocábulos proparoxítonos detêm-se primordialmente na ocorrência de síncope vocálica (da qual resultam as formas acima referidas: *xicra*, *fosfru*, *abobra*), deixando de analisar outras possibilidades de manifestação dessas palavras pela aplicação de diferentes processos fonológicos. Essa lacuna na literatura é uma das motivações e das justificativas da presente investigação.

Outra lacuna registrada na literatura sobre variação no PB diz respeito às chamadas “falsas proparoxítonas”, que se constituem em palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Também portadoras de acento marcado, essas palavras podem ser alvo de variação, mas poucos são os estudos a elas dedicados. Hora & Battisti (2013) defendem que os ditongos crescentes em palavras como *secretária*, *armário*, *negócio*, por exemplo, são hiatos e registram que a redução desses hiatos finais pela queda de segmentos vocálicos altos (exs.: *secretara*, *armaro*, *negoço*) estava presente na deriva latim-português e que continua operando na língua. Os autores observam que é uma tendência universal nas línguas a

evitação do hiato, sendo também presente no português, e creditam a essa tendência o apagamento da vogal alta nos hiatos finais nas palavras do português. Em um estudo de cunho variacionista, os autores concluem que especialmente a estrutura fonológica da sequência vocálica e do contexto em que esta se insere, mais do que os condicionamentos sociais, responde pela queda da vogal alta nos hiatos finais nas palavras da língua.

Lemle (1978) diz que esse é um grupo de palavras em que é grande a tendência à redução do ditongo: *polícia-poliça*, *salário-salario*, *anúncio-anunço*, *armário-armaro*. No entanto, a redução não atinge igualmente todas as palavras; há outra probabilidade de redução que é quase nula, como nestes itens lexicais: *lábio-labo*, *alívio-alivo*, *otávio-otavo*, *câmbio-cambo*, *gêmeo-gemo*. Diz a autora que, na primeira série de palavras, é frequente a redução do ditongo porque o glide [j] compartilha com a consoante que o precede o traço [+coronal], tendo sempre que se observar, nessa redução, o papel do acento. Lemle supõe ser menor a tendência para a supressão da semivogal quando, ao invés de encontrar-se em posição postônica, como em *salário-salario*, for precedente à vogal tônica, como em *assalariado*. Para os ditongos crescentes com a semivogal[w], ao invés da supressão, há outro fenômeno, a metátese: *água-auga*, *tábua-tauba*.

Para Gonçalves(2012), há uma conspiração generalizada contra a heterossilabificação das vogais finais. Nessa empreitada, as estratégias para não realizar o hiato vão desde o simples arranjo das duas vogais na mesma sílaba, até o apagamento ou a modificação de uma delas. Nesse estudo, Gonçalves mostrou que os encontros vocálicos finais átonos são preferencialmente produzidos como ditongos.

Uma pesquisa piloto realizada com dois falantes de PB moradores da região de Mostardas/RS (PEDONE-SOUZA, 2017) evidenciou a aplicação variável do processo de síncope em palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo, com resultados singulares em se comparando com os outros estudos já realizados sobre o PB. Para os falantes de Mostardas/RS, a aplicação do processo de síncope tem efeitos diferentes: nas proparoxítonas, há a tendência à elisão da consoante onset da última sílaba (*médico-méd[ju]*), criando uma palavra paroxítona terminada em ditongo; nas paroxítonas terminadas em ditongo, há a tendência à elisão do último segmento vocálico (*pátio-pat[i]*), criando uma palavra paroxítona terminada em vogal – veja-se que, nos dados dos falantes de Mostardas/RS, o apagamento tem como alvo a última vogal da palavra, diferentemente do que é relatado na literatura, em que é observado o apagamento do glide, conforme foi acima

registrado (LEMLE, 1978). Esse particular fenômeno de redução de acentos marcados no português alia-se ao interesse e à justificativa de proposição da presente pesquisa.

Nesse contexto, o objetivo da presente pesquisa, de acordo com o que foi expresso no capítulo introdutório, é estudar o processo de síncope que atua variavelmente sobre palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente, produzidas por falantes analfabetos e de baixa escolaridade da região de Mostardas/RS.

Para a análise do objeto de estudo aqui delineado, merecem ser buscadas informações sobre o acento primário de palavras no latim, língua em que o português tem sua origem, para depois chegar-se ao emprego de palavras proparoxítonas no PB.

2.2.1 Proparoxítonas: do Latim ao Português

No latim, como no português, o acento primário das palavras localizava-se maximamente na terceira sílaba a contar da borda direita do vocábulo. No entanto, diferentemente do português, a gramática do latim não licenciava o acento oxítono, sendo, portanto, as palavras ou proparoxítonas ou paroxítonas. Assim, conforme explica Quednau (2004), eram paroxítonas as palavras dissílabas (ex.: *liber* (*livro*)) e também eram paroxítonas, em razão de o acento em latim ter sensibilidade ao peso silábico, as palavras trissílabas ou com maior número de sílabas, sempre que a penúltima sílaba fosse pesada, isto é, fosse portadora de consoante em coda ou de vogal longa (ex.: *turbulentus* (*turbulento*); *fidelis* (*fiel*)). As palavras trissílabas ou com maior número de sílabas com a penúltima sílaba leve eram proparoxítonas (ex.: *facilis* (*fácil*); *imperium* (*império*)). Como consequência, havia, no latim clássico, grande incidência de palavras com acento proparoxítono.

Em sua história, portanto, a gramática do português integra palavras proparoxítonas por herança do latim (exs.: *spectaculum* (*espetáculo*); *oculus* (*óculos*)) e também algumas por herança do grego (exs.: *ekklesiastikós, ê, ón* (*eclesiástico*); *despótēs, ou* (*déspota*)).

Mas já no latim clássico, o processo de síncope é um fato que ocorre em palavras proparoxítonas, de acordo com Quednau (2002), apesar de muito estigmatizado, sendo que é intensificado quando, na passagem para o latim vulgar, a língua passa a caracterizar-se por apresentar pés métricos de duração irregular, o que contribui para esse fenômeno. Sendo

assim, a síncope de proparoxítonas é uma herança do latim e é observável em outras línguas, como o grego clássico e o italiano.

Para Quednau (2002), existem três tipos de síncope em latim: (i) síncope da vogal postônica (*apicula* > *apicla*); (ii) síncope da consoante sonora entre vogais (*mala* > *maa*) e (iii) síncope de oclusiva como primeiro membro de grupo consonântico (*excepção* > *exceção*)³.

Marroquim (1996, p. 73) destaca que a síncope é um fenômeno comum devido à “dificuldade de pronunciar o proparoxítono”. Para ilustrar, o autor destaca vocábulos como *porva*, *prinspe*, *poliça* (*pólvora*, *príncipe* e *policia*, respectivamente).

Tendo em vista o foco do presente estudo, nas três seções subsequentes apresentam-se considerações sobre palavras proparoxítonas e sobre palavras paroxítonas no português, bem como sobre ditongos na língua.

2.2.2 Proparoxítonas no Português

Retoma-se aqui a informação já expressa de que o acento primário em português pode localizar-se nas três últimas sílabas dos vocábulos, do que decorre a presença, na língua, de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. As gramáticas normativas da língua portuguesa apresentam as proparoxítonas como as palavras cujo acento recai na antepenúltima sílaba, como em *pássaro*, *cálice*, por exemplo, não havendo qualquer referência, ou não levando em conta que, na forma falada, essas palavras podem perder esse *status* e tornar-se paroxítonas, sendo pronunciadas como *pássaro* [*passu*], *cálice* [*cali*], por exemplo.

Somente a gramática de Mateus *et al.* (1983, p. 515) faz uma referência, em nota de rodapé, reconhecendo que, apesar de serem “verdadeiras exceções”, essas palavras podem vir a ser normalizadas, sendo produzidas como paroxítonas, de acordo com a tendência prevalente na língua. Em suas palavras:

³Chama-se a atenção para o fato de que esse grupo consonantal no interior da palavra é heterossilábico, do que decorre que a primeira das duas consoantes ocupa a posição de coda silábica e a segunda, a posição de onset da sílaba subsequente.

[...] a normalização dessas formas, levando à acentuação da última vogal do radical, manifesta-se em certos registros de língua, com a alteração de algumas palavras excepcionais que passam a regulares (ex.: árvores [arves], quilômetro [quilontro]) e com hesitação na pronúncia de outras (ex.: rubrica [rúbrica], oceânia [Oceania]). (MATEUS *et al.* 1983, p. 515)

Desse modo, realizar uma palavra proparoxítona como paroxítona é vista pela gramática normativa como excepcional, não havendo referência às causas extralinguísticas ou linguísticas que determinam esse fenômeno. Atribui-se esse fato ao seu objetivo de descrever apenas a variedade padrão da língua, deixando de referir uma realização que carrega marca sociolinguística, denotadora da linguagem popular ou regional.

O processo de redução faz parte da evolução do português, conforme já foi aqui salientado. Acrescentando-se à informação de Quednau (2002) de que a síncope já se fazia presente no latim clássico, refere-se que Coutinho (1976) lembra que o processo de redução já ocorreu também no latim vulgar, que se caracteriza, entre outros fatores, pela tendência a evitar o uso de palavras proparoxítonas, tendo sido essas substituídas por paroxítonas.

Considerando-se a tendência dos falantes do PB à produção de palavras com acento não marcado e à utilização de estratégias de redução dos vocábulos, listam-se, a seguir, quatro possibilidades de redução de palavras proparoxítonas:

1^a) elisão da vogal postônica não final – tem-se uma possibilidade de redução de palavra proparoxítona pela elisão da vogal postônica não final. Dessa elisão, podem advir dois resultados:

(a) uma paroxítona cuja última sílaba tem onset complexo – exs.: *xícara-xi[kr]a*; *árvore-ar[vr]e*; *fósforo-fos[fr]o*;

(b) uma paroxítona cuja penúltima sílaba passa a ter coda (fricativa ou líquida) – exs.: *pêssego-pe[s.k]u*; *física-fi[s.k]a*;

2^a) elisão da sílaba final – tem-se outra possibilidade de redução de palavra proparoxítona pela elisão da sílaba final. Da elisão da sílaba final resulta uma paroxítona terminada em vogal. São exemplos: *lâmpada-lampa*; *espetáculo- espetacu*; *ângulo- angu*;

3^a) apagamento da vogal postônica não final e do onset da última sílaba – ainda pode haver a redução de uma proparoxítona pelo apagamento da vogal postônica final e também do onset da última sílaba. Dessa redução resulta uma paroxítona terminada em sílaba leve. Têm-se exemplos em *relâmpago- relam[pu]*; *bígamo - bi[gu]*; *vândalo-van[du]*;

4ª) apagamento da consoante onset da última sílaba – também pode haver a redução de uma proparoxítona pelo apagamento da consoante onset da última sílaba. Com essa redução, corre a passagem de uma proparoxítona para paroxítona terminada em ditongo – exs.: *físico-fis[ju]*; *lógico-log[ju]*; *médico-med[ju]*.

É relevante observar-se que, de todos os processos de redução, resultam palavras com acento considerado não marcado no Português.

2.2.3 Paroxítonas no Português

As palavras paroxítonas são aquelas que têm o acento tônico na penúltima sílaba e representam a maioria dos vocábulos do Português, como ocorre em *casa*, *febre*, *casaco*. De acordo com referência já feita, são não marcadas na língua as paroxítonas terminadas em sílaba leve, sendo essas as que têm maior frequência na língua (COLLISCHON, 2014). Segundo Amaral (2002), Câmara Jr (2004) e Massini-Cagliari (1999), a palavra paroxítona é a padrão no Português do Brasil. Palavras paroxítonas prevalecem sobre proparoxítonas e oxítonas, ou seja, dentre os três padrões acentuais possíveis na língua, o paroxítono é o mais frequente.

São consideradas portadoras de acento marcado as palavras paroxítonas terminadas em consoante (exs.: *mártir*, *amável*, *hífen*, *látex*, *vírus*) ou em ditongo crescente (exs.: *história*, *dicionário*, *salário*, *vitória*), sendo estas as chamadas *falsas proparoxítonas*.

Palavras com acento paroxítono também podem sofrer redução em PB. Apresentam-se, a seguir, quatro possibilidades de alteração desse tipo de acento marcado, sendo as duas primeiras por redução das paroxítonas terminadas em ditongo crescente:

1ª) elisão da segunda vogal do ditongo. Dessa elisão, resulta uma sílaba CV – exs.: *pátio-pat[i]*; *hóstia-host[i]*; *lábio-lab[i]*;

2ª) elisão da primeira vogal do ditongo. Dessa elisão, resulta uma sílaba CV – exs.: *pátio-pat[o]*; *hóstia-host[a]*; *lábio-lab[o]*;

3ª) epêntese para desfazer o ditongo crescente. Dessa epêntese, resultam duas sílabas CV – exs.: *pátio-pati[k]o*; *hóstia-hosti[k]a*;

4ª) metátese para desfazer o ditongo crescente. Dessa metátese, resulta uma sílaba final CV – exs.: *tábua-tauba*; *água-auga*.

Observa-se que, dos processos de redução listados como 1º, 2º e 4º, resultam palavras com acento considerado não marcado no Português.

As palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente serão tratadas, no presente estudo, como portadoras do *status* fonológico de palavras proparoxítonas (ex.: *sé.ri.e* /sErie/; *gló.ri.a* /glɔria/) – esse *status* pode ser explicitado pelos tipos de processos de redução a que tais palavras são variavelmente submetidas e, foneticamente, são paroxítonas terminadas em ditongo crescente. (ex.: *sé.rie* [‘sErje] ~ [‘sErji]; *gló.ria* [‘glɔrjɔ]).

Em virtude de o ditongo ser fato da língua que apresenta interesse especial para este estudo, trazem-se sobre ele algumas considerações.

2.2.4 Ditongos

Celso Luft (1978) diz que o ditongo é um grupo vocálico pronunciado na mesma sílaba e constituído de vogal silábica ou base e de uma vogal auxiliar assilábica, que em Português é uma das semivogais [y] ou [w]. A estrutura de um ditongo apresenta, pois, combinados, uma vogal e uma semivogal, sendo que esta pode vir antes ou depois da vogal base. Para o ditongo crescente, tem-se a combinação de uma semivogal mais uma vogal (*série*, *história*). Para o ditongo decrescente, tem-se a combinação de uma vogal mais uma semivogal (*vai*, *mau*).

Luft ainda diz que os verdadeiros ditongos, os estáveis, são os decrescentes, já que estes não sofrem alterações; os outros, crescentes, são variáveis, e podem ser realizados como ditongos ou como hiatos.

A ditongação é um fenômeno fonético, não fonológico, dependente de contexto: situação no vocábulo, acento tônico, entre outros fatores. As semivogais não são fonemas no português e, sim, realizações assilábicas dos fonemas vocálicos, explicável por regras fonológicas. Ex.: /pai/ [‘paj]; /sai/ [‘saj]; /kauda/ [‘kawdɔ]; /mal/ [‘maw] (LUFT, p. 166).

Tomando-se gramáticas tradicionais, tem-se que Cegalla (2008); Cunha e Cintra (2013) e Bechara (2001) consideram que as paroxítonas terminadas com encontros *ia*, *ie*, *io*,

ua, eu, ou finais átonos se classificam quer como ditongos, quer como hiatos, já que ambas as emissões existem no Português: *mé-dia e mé-di-a; sé-rie e sé-ri-e; pá-tio e pá-ti-o; ár-dua e ár-du-a; vá-cuo e vá-cu-o*. Contudo, dizem os autores que é preferível considerar tais grupos como ditongos e, conseqüentemente, paroxítonos os vocábulos em que ocorrem. Destaca-se que, ao justificarem a existência de “ambas as emissões” (ou seja, na forma de ditongo ou de hiato), os autores estão fazendo referência a essa dupla possibilidade de classificação em se tratando do nível fonético das palavras e, não, do nível fonológico.

O hiato, para Luft (1978), é a sequência de duas vogais, pronunciadas em sílabas distintas e que produzem o efeito acústico chamado hiato; constitui-se na sequência de vogal+vogal – ex.: *baú, raiz, caatinga*.

Bechara (2001) menciona a tendência de evitar hiato no Português, o que é feito através da ditongação ou da crase.

Bisol (1992), tratando dos ditongos decrescentes, considera a existência de dois tipos de ditongos: os verdadeiros e os falsos. Segundo a autora, ditongos verdadeiros são duas vogais ligadas à mesma rima na estrutura subjacente da palavra, formando, assim, um núcleo complexo, como em ‘*reino*’ /{eitoP/ e ‘*fauna*’ /fauna/; para Bisol, esses ditongos não mostram alternância com apenas uma vogal: *[{e’toP]; *[‘fan□]. Tem-se ditongo falso, nas palavras da autora, quando “apenas uma vogal se bifurca em nível mais próximo à superfície originando o ditongo alternante de uma só vogal” (p.285), o que implica haver, na estrutura subjacente da palavra, apenas uma vogal, como em ‘*peixe*’ /peΣe/ e ‘*caixa*’ /kaΣa/. Nesse caso, a sílaba é considerada leve por ter rima apenas com o núcleo, estando o glide, isto é, o elemento pós-vocálico, apenas na estrutura de superfície, derivado de uma regra de espraçamento: [‘pejΣɪ] e [‘kajΣ□]. Os ditongos decrescentes não se alternam com hiato em qualquer das variedades do português.

Para Bisol (1989), assim como para Camara (1972), os ditongos crescentes não são ditongos reais da língua, uma vez que sempre podem alternar-se com hiato, com exceção das sequências vocálicas que seguem as plosivas dorsais /k/ e /g/: por exemplo, palavras como ‘*quadro*’ /kuadPo/ e ‘*guarda*’ /guaPda/ são produzidas como [‘kwadPY] e ‘*guarda*’ [‘gwaPd□], mas nunca com hiato *[ku’adPY] e ‘*guarda*’ *[gu’aPd□].

Questões relacionadas com a atribuição do acento às palavras de uma língua, incluindo também aspectos relacionados à silabação, encontram suporte explicativo na Teoria Métrica.

2.3 Teoria Métrica

O modelo teórico conhecido como Teoria Métrica pode ser considerado como um avanço nos estudos sobre a atribuição do acento nas línguas do mundo, atribuindo-lhe uma interpretação diferenciada daquela até então encontrada nos modelos teóricos da área da Fonologia.

Para o Estruturalismo, o acento era um fonema suprasegmental; já na Fonologia Gerativa Clássica, o acento era considerado uma propriedade da vogal, como os traços [\pm posterior] ou [\pm alto], por exemplo; assim, uma vogal acentuada recebia o traço [+acento] e uma vogal não acentuada [-acento]; essa especificação de uma vogal [-acento] como pretônica ou postônica impõe problemas de representação na teoria (Silva, 1999). Como a relação entre tonicidade e estrutura silábica levantou dúvidas quanto ao tratamento do acento e do ritmo na Fonologia Gerativa Clássica, os estudos levaram ao surgimento da Fonologia Métrica, cujo objetivo é descrever e formalizar os padrões acentuais e de ritmo da fala nos sistemas linguísticos.

Na Fonologia Métrica, o acento é uma proeminência, tem natureza relacional e é atribuído à sílaba: uma sílaba é mais forte em relação às mais fracas. A relação entre as sílabas ocorre no pé métrico (BISOL, 1992), tendendo a mostrar uma relação binária, ou seja, que ocorre em pares, onde uma das unidades é forte (F) e outra é fraca (f).

A Fonologia Métrica é voltada à organização e formalização de relações de proeminência em domínios fonológicos, desde os menores, como as sílabas, até as unidades maiores, como a frase. O objeto de estudo da Fonologia Métrica é o acento, com relação de proeminência e alternância entre os elementos acentuados e os não acentuados (MAGALHÃES & BATTISTI, 2017, p.93). Conforme Bisol (2005), as línguas podem apresentar três tipos de acento, apresentados em (1):

(1)

- a) Acento primário: é o acento mais forte de uma palavra. Ex.: *cása*;
- b) Acento secundário: é o acento relativamente menos forte que o acento primário de uma palavra. Ex.: *dóccemente*;
- c) Acento principal: é o acento mais forte de uma sequência de palavras, ex.: *vamos cantár*.

No Português, o acento primário pode recair apenas sobre as três últimas sílabas, sendo predominantemente atribuído à penúltima sílaba, construindo palavras paroxítonas (exs.: *cása, paréde, sentámos*). Para a presente pesquisa, o foco será o acento primário.

Pelo fato de o acento tônico poder ocupar apenas três posições no Português, as palavras podem ser como aparece em (2):

(2)

- a) oxítonas: *sofá, café, cipó*;
- b) paroxítonas: *hífen, tênis, réptil*;
- c) proparoxítonas: *bucólico, tópico, xícara*.

Dentre os três tipos de posição que podem ser ocupadas pelo acento primário, segundo a gramática fonológica do Português, dois são os contextos em que o acento é considerado não marcado, ou seja, mais natural e frequente na língua:

- a) em palavras paroxítonas terminadas em vogal – exs.: *casa, amigo, felicidade*;
- b) em palavras oxítonas terminadas em consoante – exs.: *legal⁴, amor, rapaz*.

Nos outros contextos, o acento tônico é considerado marcado; ocorre, portanto, em:

- a) em palavras paroxítonas terminadas em consoante ou em ditongo – exs.: *tédio, bíceps, açúcar*;
- b) em palavras oxítonas terminadas em vogal – exs.: *balé, brechó, crachá*;
- c) em palavras proparoxítonas – exs.: *acadêmico, antídoto, dúvida*.

Segundo Hayes(1991), a atribuição do acento primário às diferentes línguas do mundo pode ser explicada a partir de pés binários, seja em sílabas ou em moras. Para o autor, são três os tipos de pés binários: troqueu silábico, troqueu mórico e iambo. Os três tipos de pés binários recebem a caracterização mostrada em (3):

(3)

- a) Troqueu Silábico – é o pé com proeminência à esquerda que leva em consideração apenas sílabas, não interessando se essas são leves ou pesadas.

⁴Na região da pesquisa, a líquida lateral em coda silábica tende foneticamente ser produzida como o glide [w]; na estrutura subjacente, no entanto, entende-se haver a consoante líquida /l/. Em razão desse fato, uma palavra como “difícil”, por exemplo, na representação fonológica apresenta a forma difi/sil/ e, na representação fonética, a forma difi[siw].

Ex.: *mestre*

(* .)

b) TroqueuMórico –é o pé com proeminência à esquerda que tem sensibilidade ao peso silábico, ou seja, que conta moras⁵; assim, o pé poderá ser binário por contar duas sílabas leves ou uma sílaba pesada.

Exs.: *mesa* *mar*

(* .) (*)

c) Iambo – é o pé que possui proeminência à direita e é sensível ao peso silábico, sendo que a sílaba da esquerda desse ser obrigatoriamente leve.

Ex.: *balé* *mar*

(. *) (*)

Para elaborar a regra do acento primário dos nomes do português, Bisol (2005) utiliza duas noções importantes: a de peso silábico e a de pé métrico. A regra de acento proposta pela autora está dividida em duas partes e aparece em (4).

(4)

Regra do acento primário (BISOL, 1992, p.34):

Domínio: a palavra inteira

i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, isto é, sílaba de rima ramificada.

Ex.: po.mar

(*)

i. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não iterativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (*.), junto à borda direita da palavra.

Ex.: bor.bo.le.ta

(* .)

Para Bisol (2005), o português é uma língua sensível ao peso silábico e esse fato é evidenciado em palavras cuja sílaba final é pesada. Nesse caso, o peso da sílaba atrai o acento e, em razão desse fato, são oxítonas as palavras terminadas em consoante ou ditongo, como

⁵Destaca-se que sílabas leves contam uma mora, enquanto sílabas pesadas contam duas moras.

em *pomar*, *troféu*, *coronel*. A parte (i.) da regra capta esse comportamento do acento no português. Cria-se, nesse caso, um *pé troqueu mórico*.

Por outro lado, a parte (ii.) da regra capta o fato de que, quando a sílaba na borda direita da palavra é leve, deve ser criado um *pé troqueu silábico*. Nesse caso, tem-se um pé binário em sílaba; a regra determina que o acento deverá cair sobre a segunda sílaba, contando da borda direita da palavra, desde que, então, a primeira não seja pesada. Assim, o acento é atribuído às paroxítonas, como em *casa*, *parede*, *borboleta*, por meio da parte (ii) da regra.

A proposta de Bisol (1992) para explicar a atribuição do acento primário aos nomes do português contempla também os casos de acento marcado, que inclui palavras proparoxítonas, palavras paroxítonas terminadas em sílaba pesada e palavras oxítonas terminadas em sílaba leve.

Para dar conta desse tipo de acento, Bisol utiliza, da Teoria Métrica, uma propriedade denominada *extrametricidade*, a qual permite que um elemento periférico (sílaba, mora ou segmento) não seja visto pela regra de acento.

Nos nomes paroxítonos terminados em sílaba pesada, o último segmento é considerado extramétrico e, então, a parte (ii) da regra é aplicada (veja-se, em (4), que a parte (ii.) da regra registra: “Nos demais casos, forme um constituinte binário (não iterativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (*.), junto à borda direita da palavra”). Têm-se exemplos nas palavras *açúcar* e *fácil*, de acordo com a formalização em (5).

(5)

Ex.: a.çú. ca<r>	fá.ci<l>
(* .)	(* .)

Nos proparoxítonos, a última sílaba é considerada extramétrica; e novamente a parte (ii.) da regra é aplicada. Vejam-se os exemplos das palavras *sílaba* e *pêssego*, mostrados em (6).

(6)

Ex.: sí.la.<ba>	pês.se.<go>
(* .)	(* .)

É relevante destacar-se que, no mapeamento entre a estrutura subjacente e a estrutura de superfície dessas palavras com acento marcado e em que se lança mão da

extrametricidade, após a formação dos pés troqueus e a atribuição do acento, é aplicada uma regra de Adjunção do Elemento Perdido.

Nos nomes oxítonos terminados em sílaba leve, a autora propõe que seja considerada uma consoante final abstrata na subyacência. Então, a parte (1) da regra é aplicada (veja-se, em (1), que a parte (i) da regra registra: “Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, isto é, sílaba de rima ramificada”). São exemplos as palavras *café* e *araçá*, apresentadas na formalização em (7).

(7)

Ex.: ca.féC a.ra.çáC
 (*) (*)

A evidência para a presença dessa consoante abstrata manifesta-se por meio de derivação: a adjunção de um sufixo traz à superfície a consoante abstrata. Observa-se que essa consoante é portadora do traço [coronal], de acordo com a representação em (8).

(8)

caféC > cafezal

araçáC > araçazeiro

Bisol (1992) também explica a atribuição do acento às formas verbais do português e, para fazê-lo, também lança mão da extremetricidade. A regra de Bisol para os verbos está expressa em (9).

(9)

Nos verbos, marque como extramétrica:

- i. A sílaba final da primeira e da segunda pessoa do plural dos tempos do imperfeito.
- ii. Nos demais casos, a consoante com status de flexão.

Assim, em formas como *cantávamos* e *cantássemos*, por exemplo, esta seria a marcação de extrametricidade: *cantáva*<mos> e *cantásse*<mos>, de acordo com a parte (i) da regra em (9). Em formas verbais como *gostam* e *gostas*, por exemplo, a extrametricidade teria o seguinte registro, em consonância com a parte (ii) da regra em (9): *gosta*<m>e *gosta*<s>. Em todos os casos da regra em (9) é criado um *pé troqueu silábico*.

Com o suporte da Teoria Métrica, portanto, Bisol (1992) consegue explicar a atribuição do acento primário a nomes e a verbos do português, tanto aos casos considerados não marcados, como aos casos marcados. Por sua proposta, o português é uma língua trocaica.

Pelo tratamento que Bisol dá ao acento primário do português, tem-se uma evidência de que os pressupostos que sustentam a Teoria Métrica são capazes de oferecer subsídios para a análise, do ponto de vista fonológico, também para o uso variável do acento marcado que é objeto deste estudo: o emprego de palavras proparoxítonas e de palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente por falantes adultos analfabetos e com baixa escolaridade pertencentes à região de Mostardas/RS e Tavares/RS.

3 Metodologia

Esta seção apresenta os procedimentos metodológicos empregados na pesquisa, incluindo os critérios para a escolha dos informantes, os instrumentos utilizados para a coleta de dados, o método de análise e as variáveis controladas no estudo. O capítulo subdivide-se em cinco subseções: na primeira subseção, são descritos aspectos relevantes para a caracterização das cidades nas quais foram feitas as coletas deste estudo: Mostardas/RS e Tavares/RS; na segunda, são apresentados aspectos sobre os informantes cujos dados linguísticos constituíram o *corpus* da pesquisa, bem como os critérios utilizados para a sua seleção; na terceira, são apresentadas as variáveis controladas na investigação; na quarta, é caracterizado o instrumento utilizado para a coleta de dados; a quinta subseção trata da análise estatística empregada no estudo.

3.1 caracterização das Cidades

Constituíram o *corpus* deste estudo dados coletados de informantes residentes em duas cidades localizadas ao sul do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil: as cidades são Mostardas e Tavares; as duas cidades são aqui identificadas como pertencentes à Região de Mostardas/RS.

Optou-se por estas cidades porque a pesquisadora é natural de Mostardas e observou que havia processos linguísticos que evidenciavam formas variantes características do PB falado nessa região. Ambas as cidades são distantes de cidades grandes, como Porto Alegre, por exemplo. Não apenas a distância da metrópole é muito grande, como também a comunicação era difícil: a rodovia que ligava a região a Porto Alegre, durante muitos anos, manteve-se quase intransitável. Devagar, as duas cidades foram ganhando melhor ligação rodoviária: para Porto Alegre, Mostardas ganhou uma estrada em 1993 e Tavares, em 2001; para São José do Norte (distante de Mostardas por cerca de 150km), entre 2008 e 2009. Por cerca de 80 quilômetros, ainda hoje na estrada entre Palmares e Mostardas é impossível passar

dos 60 km/h: crateras com meio metro de diâmetro engolem rodas, molas e suspensões dos desavisados.

A Figura 1 a seguir retrata bem como era o trajeto entre Mostardas e Porto Alegre, pelo barro a viagem durava até 3 dias; hoje, em 2h e meia, chega-se à capital.



Figura 1 - Imagem de parte da estrada entre Mostardas a Porto Alegre nos anos 90.

Fonte: Zero Hora

Na Figura 2, tem-se a foto de uma viagem feita entre Mostardas e São José do norte nos anos 90.



Figura 2 - Imagem de parte da estrada entre Mostardas a São José do Norte nos anos 90

Fonte: Ricardo Azeredo (Acesso em: 08 out. 2018)

A contextualização da presente pesquisa exige a apresentação sumarizada de características das cidades gaúchas de Mostardas e de Tavares.

3.1.1 A cidade de Mostardas

A cidade de Mostardas fica a cerca de 200km de Porto Alegre, 161km de Rio Grande e a 226km de Pelotas. A estrada que liga a cidade a Porto Alegre é conhecida como “Estrada do Inferno”, já que conta com 100km com asfalto esburacado, pista sem asfalto, feita de areia fofa e com inúmeras crateras. Foi esse cenário dantesco que rendeu à rodovia o já referido apelido de Estrada do Inferno. O deslocamento de Mostardas ou de Tavares para Pelotas e para Rio Grande exige que se utilize uma Balsa, que vai de São José do Norte até Rio Grande. Tais condições tornam a região de Mostardas, englobando ambas as cidades – Mostardas e Tavares – de acesso difícil ainda nos dias de hoje, do que decorre seu distanciamento de centros populacionais maiores em diversos aspectos, inclusive social e, consequentemente, linguístico.

Sua população estimada pelo Censo do IBGE de 2010 é de 12.124 habitantes. A colonização de Mostardas foi feita por imigrantes açorianos. Quanto ao nome “Mostardas”, não há uma explicação documentada e oficial. Uma das hipóteses sugere que o município o recebeu por causa da grande quantidade do vegetal comestível encontrado na região. Outra

hipótese elencada pela historiadora Marisa Oliveira Guedes (1993) informa que o nome Mostardas foi dado não pela quantidade de vegetal, que não existe em abundância nos campos, e, sim, porque Mostardas eram trincheiras usadas durante as guerras em Portugal, as quais eram cobertas com uma esteira de taquara e junco, camufladas pelo vegetal mostarda, visto que este vegetal não murcha.

Por ser uma cidade litorânea muito extensa, Mostardas possui 4 praias ao longo do seu balneário: a Praia da Solidão (a praia mais ao norte do município e mais longe, recebe mais veranistas de outras cidades, como da região metropolitana, do que propriamente de Mostardas); o Balneário Mostardense (praia mais próxima da cidade, a apenas 12km, e também conhecida como Praia Nova, é contemplada com uma linha de ônibus praia/cidade para a locomoção dos veranistas); a Praia de São Simão (a 28km da cidade, a praia possui uma das sociedade mais antigas do município – o Clube de São Simão, fundado em 1948, atualmente ainda agita a praia com festas, músicas ao vivo e jantares) e Praia do Pai João (a menor praia da cidade: conta apenas com os moradores tradicionais e antigos veranistas que não trocam a tranquilidade por ela oferecida; possui uma das maiores festas religiosas do município, que acontece durante o verão).

Economicamente, o município destaca-se pela produção de arroz e cebola; na pecuária, pelo gado bovino para produção de leite e carne; de ovinos para produção de lã e, recentemente, uma prática que vem crescendo é o extrativismo de resina de pinheiros americanos. Um dos maiores atrativos da região é o Parque Nacional da Lagoa do Peixe. Dentro da área do parque, na costa, a aproximadamente 20 quilômetros do Balneário de Mostardas, está situado o Farol de Mostardas. Já na margem da Lagoa dos Patos podem ser visitados os históricos Farol Capão da Marca e o Farol Cristóvão Pereira, ambos construídos no século XIX.

São treze os principais atrativos turísticos de Mostardas:

a) **CENTRO HISTÓRICO:** A arquitetura açoriana e portuguesa encontra-se preservada com os diversos símbolos, muitas vezes enigmáticos, que compõem a cultura presente nas construções. No centro do município acompanha-se parte da história do povo que cruzou o oceano para ocupar as terras do continente de São Pedro;

b) **IGREJA MATRIZ SÃO LUIS REI DE FRANÇA:** Iniciada sua edificação em 19 de janeiro de 1773, com predominância do estilo barroco, possui torre central sendo o seu

altar, datado de 1818, é um dos poucos exemplos preservados do estilo neoclássico utilizado à época da sua construção;

c) **PARQUE MENOTTI GARIBALDI:** É um parque urbanizado ideal para caminhadas, descanso e chimarrão à sombra dos eucaliptos. Possui uma pista de 540 metros, quadra de voleibol, basquetebol e pista de skate;

d) **ARTESANATO DE MINIATURA DE AVES:** Está integrado como atrativo local a visita ao Artesão Eloir Rodrigues, que produz réplicas perfeitas em miniatura das aves silvestres da região de Mostardas e Tavares;

e) **FAROL DO RINCÃO DO CRISTÓVÃO PEREIRA:** Inaugurado em 1858, possui 28 metros de altura, e é um dos mais antigos da Laguna dos Patos;

f) **FAROL MOSTARDAS:** Inaugurado em 1887, possui 38 metros de altura e está situado às margens do Oceano Atlântico, na divisa com o município de Tavares.

g) **FAROL DA SOLIDÃO:** Inaugurado em 1929, possui 24 metros de altura e está situado às margens do Oceano Atlântico, na Praia da Solidão;

h) **CASA DA CULTURA DE MOSTARDAS:** Tem sede em uma casa colonial construída no século XIX. Lá está abrigada a memória oficial do município de Mostardas. A Casa de Cultura oferece ao visitante a história dos primeiros habitantes através da Sala Açoriana. Também integram o conjunto: um museu, a Sala do Gemellagio e a Biblioteca Pública Municipal Dr. Mathias José Velho;

i) **FIGUEIRA DA ANITA:** Está localizada no distrito de São Simão e marca o local de nascimento de Menotti Garibaldi, filho de Giuseppe e Anita Garibaldi, em 1840;

j) **PORTO DO BARQUINHO:** É um abrigo para os barcos que trafegam pela Laguna dos Patos. A história desse porto rústico inicia-se durante o Segundo Império. Atualmente, também serve de berçário para diversas espécies silvestres;

k) **LITORAL ATLÂNTICO:** O Balneário Mostardense, a Praia de São Simão e a Praia da Solidão são alguns dos pontos de lazer e veraneio junto ao Oceano Atlântico. O litoral marinho possui 100 km de extensão de praia contínua, propícia para a pesca esportiva e esportes náuticos;

l) **LITORAL LAGUNAR:** A Laguna dos Patos era chamada pelos primeiros açorianos de “Mar de Dentro”. O acesso a este local mais próximo da cidade se faz pela localidade da Caieira. Um diferencial para o turista é a possibilidade de, no mesmo dia, ver o

nascer do sol junto ao Oceano Atlântico e, ao anoitecer, acompanhar o seu ocaso às margens da Laguna;

m) LAGOA DOS BARROS (OU LAGOA AZUL): É belíssima lagoa, ideal para o esporte aquático e com área de camping. Possui infraestrutura e o local é de fácil acesso ao turista que deseja uma maior tranquilidade.

3.1.2 A cidade de Tavares

Tavares, cidade localizada a 240km de Porto Alegre e a 28km de Mostardas, tem uma população estimada em 6 mil habitantes. Tavares é conhecida pela grande produção de cebola; grande parte da população (e também dos informantes da presente pesquisa) é composta por agricultores.

É município de origem açoriana que cultiva suas culturas até os dias de hoje, com a Corrida de Cavalhadas, os Ternos Juninos e os Ensaio de Pagamento de Promessas, estes da cultura afro. Merece destaque o artesanato da região, com a confecção de cobertores de lã de ovelha, ponches, chergão, chales, mantas e outros, feitos em teares.

O município de Tavares é conhecido pela simpatia de seu povo, festivo e hospitaleiro, que traz no lema de sua bandeira “Amizade e Hospitalidade”.

Iluminada por três faróis (dois às margens do oceano e um às margens da Lagoa), a cidade de Tavares é conhecida por suas belezas naturais, seja às margens da Lagoa dos Patos, seja na mata costeira, na Lagoa do Peixe ou nas dunas às margens do Oceano Atlântico. Possui um potencial turístico-ecológico notável, devido aos atrativos e importância do Parque Nacional da Lagoa do Peixe, que é um Santuário Ecológico com uma fauna e flora invejáveis, preservadas por famílias moradoras há centenas de anos e que tão bem souberam conservar este patrimônio natural e deixar este legado aos seus descendentes; 90% da área do Parque fica no Município de Tavares.

A Lagoa do Peixe é fonte de uma das principais economias do Município: o camarão rosa, considerado o melhor do país, é capturado artesanalmente, por pescadores que, das águas desta laguna, retiram, há décadas, o sustento de suas famílias.

No mapa do Rio Grande do Sul, mostrado na Figura 3, está em destaque a localização das cidades de Mostardas e Tavares.



Figura 3 - Mapa do Rio Grande do Sul, com a localização das cidades de Mostardas e Tavares

Fonte: Googlemaps (Acesso em: 08 out. 2018)

Após a caracterização e a descrição das cidades nas quais foram coletados os dados linguísticos que ofereceram o suporte para esta Dissertação, são caracterizados, na subseção a seguir, os informantes que participaram da presente pesquisa e, subsequentemente, são descritos os instrumentos utilizados para a coleta de dados.

3.2 Informantes

Seguindo-se os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, para este estudo foi constituída uma amostra representativa da população da Região de Mostardas e de Tavares, considerando-se os dois municípios uma mesma comunidade linguística: foram entrevistados 12 (doze) informantes da Região, 6 analfabetos e 6 com escolaridade baixa (até 4º ano). Para a seleção desses participantes, foram estabelecidos critérios que, ao mesmo tempo em que reduziram o número de informantes, garantiram que os selecionados realmente representassem a comunidade de fala da qual fazem parte.

Os informantes deste estudo atenderam aos seguintes critérios:

- 1) ser falante nativo do PB;
- 2) ser monolíngue e não ter contato com falantes de outra língua;
- 3) ter nascido na região de Mostardas/RS ou Tavares/RS ou ser morador dessa região há pelo menos 15 anos;
- 4) ser analfabeto (6 informantes);
- 5) ter escolaridade baixa – no máximo, até o nível correspondente ao atual 4º ano do Ensino Fundamental (6 informantes).

A seleção dos participantes da pesquisa deu-se por uma rede de contatos entre os habitantes das duas cidades, rede essa constituída de parentes, amigos e conhecidos da pesquisadora, que serviram como facilitadores dos contatos estabelecidos, indicando possíveis informantes nas comunidades eleitas para o estudo. Em um momento anterior à ida da pesquisadora às cidades, após a organização de uma lista dos possíveis informantes, foi realizado um contato com todas as pessoas por meio de ligações telefônicas. Nesse primeiro contato com cada possível informante, ainda a distância, houve uma conversa inicial, a fim de ser apresentado, de modo resumido, o procedimento a ser realizado, e de verificar-se se o informante respeitava os critérios estabelecidos para a pesquisa e se mostrava disponibilidade para participar da coleta dos dados. A partir dessa verificação, foram agendadas as visitas às cidades e coletados os dados nas próprias residências dos informantes selecionados.

Os *corpora* desta pesquisa foram constituídos com os dados de 12 (doze) informantes, sendo 7 de Tavares e 5 de Mostardas. Chegou-se a este número de informantes por meio do cruzamento do fator extralinguístico selecionado para a pesquisa: nível de escolaridade.

O Quadro 1, apresentado a seguir, discrimina e caracteriza os informantes desta investigação, registrando o seu grau de escolaridade, bem como o número utilizado para identificar cada um dos sujeitos. Os informantes estão caracterizados e listados do modo como serão apresentados durante toda a pesquisa.

INFORMANTE	ESCOLARIDADE
1	Analfabeto
2	Analfabeto
3	Analfabeto
4	Analfabeto
5	Analfabeto
6	Analfabeto
7	Até 4º ano
8	Até 4º ano
9	Até 4º ano
10	Até 4º ano
11	Até 4º ano
12	Até 4º ano

Quadro 1 - Caracterização dos Informantes participantes da pesquisa

Fonte: A autora

Após a apresentação das cidades e da seleção dos informantes cujos dados linguísticos constituíram o *corpus* da pesquisa, são expostas, no tópico a seguir, as variáveis controladas no estudo.

3.3 Procedimentos para Coleta de Dados e Determinação das Variáveis

Escolheram-se variáveis de caráter linguístico e extralinguístico para o estudo do tratamento dado por falantes de PB, especificamente da região de Mostardas/RS e Tavares/RS, a dois casos de acento marcado: a palavras proparoxítonas e a palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, com foco na redução que tais vocábulos podem sofrer.

Para a proposição das variáveis controladas neste estudo, observou-se que Bortoni-Ricardo (2004) destaca seis fatores que influenciam as variações da língua:

- a) Grupos etários – caracterizam diferenças sociolinguísticas intergeracionais;
- b) Gêneros – caracterizam o fato de que homens e mulheres falam de maneiras diferentes, as mulheres usam marcadores conversacionais;
- c) *Status* socioeconômico – diz respeito à desigualdade na distribuição de bens materiais e culturais; pode também aí citar-se a inclusão digital;

d) Grau de escolarização – representa os anos de escolaridade; a escolarização tem influências no repertório sociolinguístico dos indivíduos;

e) Mercado de trabalho – representa o fato de que as atividades profissionais são fatores condicionadores e decisivos de seu falar;

f) Rede social – caracteriza o fenômeno de cada um adotar comportamentos muito semelhantes aos das pessoas com quem convive no meio social.

Pelas características da comunidade constituída pelas cidades de Mostardas/RS e Tavares/RS, optou-se por controlar apenas uma variável de caráter extralinguístico: a escolaridade. Não foi critério, portanto, para a escolha dos informantes o sexo, a idade e o *status* socioeconômico. A captação dos sujeitos que participaram da pesquisa foi estabelecida a partir de contatos pessoais da pesquisadora, conforme já foi explicitado na Seção 3.2.

Determinaram-se duas variáveis linguísticas dependentes nesta pesquisa:

A) Palavras Proparoxítonas:

- com redução

- sem redução

B) Palavras Paroxítonas terminadas em ditongo crescente:

- com redução

- sem redução

Quanto às variáveis independentes linguísticas, decidiu-se estabelecer diferenças, levando em consideração cada uma das duas variáveis independentes. O Quadro 2 apresenta as variáveis independentes linguísticas e também a variável independente extralinguística controladas nesta investigação.

VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS	
A) para palavras proparoxítonas:	
a) tipo de redução - elisão da vogal postônica não final, resultando sílaba com coda (Ex.: <i>pêssego-pe[sk]u</i>); - elisão da sílaba final (Ex.: <i>lâmpada-lampa</i>); - alteração do acento (Ex.: <i>pântano-pantano</i>) - elisão da consoante onset da última sílaba (Ex.: <i>médico-med[ju]</i>)	b) consoante onset da última sílaba da palavra - coronal surda /t/ - coronal sonora /d/ - dorsal surda /k/ - dorsal sonora /g/
B) para palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente:	
a) tipos de redução: - elisão da segunda vogal do ditongo (Ex.: <i>pátio-pat[i]</i>); - elisão da sílaba (Ex.: <i>pátio- pa</i>) - epêntese para desfazer o ditongo crescente (Ex.: <i>pátio-páti[k]o</i>); - metátese para desfazer o ditongo crescente (Ex.: <i>tábua-tauba</i>)	b) Vogal núcleo do ditongo crescente - dorsal labial /u, o/ - dorsal /a/
VARIÁVEL INDEPENDENTE EXTRALINGUÍSTICA	
Escolaridade - sem escolarização - com escolarização até o 4º ano	

Quadro 2 - Variáveis independentes controladas na pesquisa

Fonte: A autora

A coleta de dados foi feita com a aplicação de um instrumento, elaborado especificamente para a presente investigação. Justifica-se a proposição de um instrumento para a eliciação dos dados, uma vez que é baixa a frequência, na língua, das palavras que são alvo deste estudo.

3.4 Instrumento

Os dados que formaram o *corpus* desta pesquisa foram obtidos por meio da gravação de produções linguísticas que continham as palavras selecionadas de acordo com o tipo de acento marcado aqui escolhido como objeto do estudo. A coleta foi feita por meio da eliciação de palavras que pudessem ser representativas do uso da língua pelos integrantes da comunidade em que foi realizado o estudo. Monteiro (2000, p. 39) relata que “uma das tarefas principais da sociolinguística é descrever as línguas em sua diversidade funcional e social. E, para tanto, o pesquisador terá que registrar dados”.

A coleta de dados contou com um instrumento, elaborado com proparoxítonas, contendo, nas duas últimas sílabas, as vogais **i_o** e **i_a**, separadas pelas consoantes /t/, /d/, /k/,

/g/, portanto, as palavras continham as sequências gráficas -ito, -ido, -ida e -ico, -ica, -igo, -ego como *crédito, ácido, dívida, crítico, África, código*; e com paroxítonas terminadas pelas sequências **io, ia**⁶, precedidas pelas consoantes /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ como *olímpio, cópia, lábio, tibia, pátio, hóstia, médio, colóquio, relíquia*, ou seja, as palavras continham as sequências gráficas -pio, -pia, -bio, -bia, -tio, -tia, -dio, -dia, -quio, -quia. Para fazer-se o levantamento das palavras, foi utilizado o dicionário eletrônico Houaiss. Esses contextos foram eleitos na busca de homogeneização do ambiente fonético-fonológico, bem como de palavras existentes na língua. O critério para a escolha dessas sequências foi a sua frequência na língua.

Apresentam-se, nos quadros seguintes, as palavras utilizadas para compor o *corpus* do estudo: foram 34 palavras proparoxítonas e 49 palavras paroxítonas terminadas em ditongo.

<i>Palavras Proparoxítonas</i>	
Crédito	Médico
Hálito	Plástico
Dígito	África
Hábito	Ética
Mérito	Mágica
Nítido	Ótica
Pálido	Térmica
Tímido	Código
Ácido	Clérigo
Dívida	Lúcido
Grávida	Lúbrigo
Cândida	Índigo
Líquida	Pródigo
Dúvida	Fôlego ⁷
Lógico	Tráfego
Pânico	Pêssego
Trágico	Cônego

Quadro 3 - Relação das palavras proparoxítonas integrantes na pesquisa

Fonte: A autora

⁶ Essa sequência foi escolhida por conter uma vogal alta e a vogal temática -a ou -o; dessa forma, havendo o apagamento da consoante interveniente, poderia ser constituído um ditongo crescente por meio da semivocalização da vogal alta. A escolha das vogais temáticas -a e -o decorreu do fato de não compartilharem o ponto de articulação coronal da vogal alta /i/.

⁷As palavras que, na grafia, têm <e> e <o> integraram o instrumento por serem alvo do processo de elevação da vogal postônica /e/ para [i].

<i>Palavras Paroxítonas terminadas em ditongo</i>	
Olímpio	Réstia
Larápio	Véstia
Cardápio	Angústia
Giroscópio	Modéstia
Município	Remédio
Cópia	Rádio
Sápia	Tédio
Tilápia	Áudio
Fotocópia	Prédio
Volúpia	Média
Dúbio	Rédia
Sábio	Mídia
Câmbio	Índia
Anfíbio	Comédia
Ressábio	Colóquio
Tíbia	Obséquio
Arábia	Brônquio
Gâmbia	Láquio
Inúbia	Valáquio
Lábia	Relíquia
Pátio	Acéquia
Sítio	Brânquia
Lítio	Paróquia
Coríntio	Seláquia ⁸
Hóstia	

Quadro 4 - Relação das palavras paroxítonas terminadas em ditongo usadas na pesquisa

Fonte: A autora

3.5 Análise estatística

Depois de transcritos e codificados de acordo com as variáveis controladas na pesquisa (a variável social e as variáveis linguísticas), os dados receberam tratamento estatístico com a utilização do Programa SPSS, que é um software aplicativo, cuja denominação original é

⁸ Em pesquisas futuras, a variável sobre a familiaridade das palavras (“palavras conhecidas e desconhecidas”) merece ser estudada.

Statistical Package for the Social Sciences, e que se constitui em um pacote estatístico para as ciências sociais.

É um programa estatístico alimentado com os dados de cada informante, através de tabelas, com a explicitação da variável dependente e das variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas. O programa, que somente é rodado em seu próprio ambiente, é público e está disponível para *download* na Internet.

4 Descrição e Análise Estatística dos Dados

Neste capítulo são descritos os dados da presente investigação. São identificados os tipos de processos fonológicos presentes na produção linguística dos informantes, em se tratando do foco deste estudo: (a) nas palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, observaram-se quatro processos: elisão da segunda vogal do ditongo, elisão da última sílaba da palavra, epêntese e metátese; (b) nas proparoxítonas, identificaram-se quatro processos: elisão da vogal postônica (criando uma sílaba com coda), elisão da última sílaba da palavra, elisão da consoante postônica e alteração do acento (criando uma paroxítona). Os dados da presente pesquisa, conforme já explicitado na metodologia, foram coletados a partir da aplicação de um teste de produção, criado especialmente para este estudo, o qual procurava eliciar a produção de palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo, por falantes analfabetos e de baixa escolaridade.

O capítulo encontra-se estruturado em quatro partes principais: primeiramente são descritos os dados das palavras proparoxítonas e, posteriormente, os dados das palavras paroxítonas terminadas em ditongo. Também são apresentados dados obtidos pela produção de chamadas ‘palavras extras’, já que foram obtidas em produção linguística espontânea, indo além daquelas eliciadas pelo instrumento. Por fim, são mostrados os resultados do tratamento estatístico dado aos processos realizados pelos informantes.

4.1 Descrição e Análise dos Dados Referentes às Proparoxítonas e às Paroxítonas Terminadas em Ditongo

Na descrição e a análise dos dados do presente estudo, apresentam-se os processos fonológicos identificados na produção, pelos informantes, das palavras proparoxítonas e das palavras paroxítonas terminadas em ditongo. Do total de 12 informantes – seis sem escolarização e seis com escolarização até o 4º ano do Ensino Fundamental –, apenas a produção linguística dos Informantes Analfabetos revelou a presença de processos fonológicos; os Informantes com escolarização até o 4º ano produziram todas as palavras do

instrumento proposto para este estudo (34 palavras proparoxítonas e 49 palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente) sem qualquer alteração.

4.1.1 A produção de palavras proparoxítonas

A produção das 34 palavras proparoxítonas (discriminadas no Quadro 3 – Seção 3.4) que integravam o instrumento proposto para o presente estudo apresentou a presença de processos fonológicos apenas na fala dos Informantes Analfabetos – todos os seis Informantes sem escolarização apresentaram no mínimo a aplicação de um tipo de processo, conforme mostram os dados expostos no Quadro 5. O Quadro revela a aplicação de quatro tipos de processos às palavras com acento proparoxítono: (a) elisão da vogal postônica (criando uma sílaba com coda), (b) elisão da última sílaba da palavra, (c) elisão da consoante postônica (criando um ditongo crescente no final da palavra) e (d) alteração do acento (criando uma palavra paroxítona).

O Quadro 5 apresenta o tipo de processo aplicado às palavras proparoxítonas, bem como o percentual e o número de vezes de sua aplicação por cada um dos seis Informantes Analfabetos. Destaca-se que cada Informante produziu 34 palavras proparoxítonas.

Processos	Inf.1	Inf.2	Inf.3	Inf.4	Inf.5	Inf.6	Total de cada processo
(a) Elisão da vogal postônica (criação de coda) (Ex.: físico-fi[sk]o)	0%	0%	0%	5,7% (2/34)	5,7% (2/34)	0%	4/204
(b) Elisão da última sílaba (Ex.: crédito-credi)	0%	0%	28,5% (10/34)	57,1% (20/34)	8,5% (3/34)	2,8% (1/34)	34/204
(c) Elisão da consoante postônica-(criação de ditongo) (Ex.: médico-mediui)	0%	0%	0%	2,8% (1/34)	5,7% (2/34)	2,8% (1/34)	4/204
(d) Alteração do acento (criação de paroxítona) (Ex.: pântano-pantano)	2,8% (1/34)	2,8% (1/34)	0%	0%	0%	0%	2/204
Total de processos aplicados por Informante	1/34	1/34	10/34	23/34	7/34	2/34	
Total geral de processos							44/204

Quadro 5 - Processos aplicados às palavras proparoxítonas pelos Informantes Analfabetos (34 palavras proparoxítonas)

Fonte: A Autora

Os dados do Quadro 5 conduzem às seguintes observações:

- (1) todos os seis Informantes Analfabetos aplicaram pelo menos um tipo de processo a uma palavra proparoxítona;
- (2) o tipo de processo menos aplicado a palavras paroxítonas foi a “alteração do acento, criando uma palavra paroxítona”, tendo sido aplicado apenas pelos Informantes 1 e 2 (total de 2 ocorrências em 34 possibilidades);
- (3) o tipo de processo mais aplicado a palavras paroxítonas foi a “elisão da última sílaba da palavra” (34/204, alcançando o percentual de 16,66%), tendo sido aplicado por quatro dos seis Informantes;
- (4) o Informante 4 aplicou o maior percentual de processos a palavras proparoxítonas (23/34, alcançando o percentual de 67,64%), seguido pelo Informante 3 (10/34, alcançando o percentual de 29,41%);
- (5) os Informantes 1 e 2 aplicaram o menor percentual de processos a palavras proparoxítonas (aplicaram apenas um processo) – ver item (b) do Quadro 5;
- (6) dentre as 204 palavras proparoxítonas produzidas pelos seis Informantes Analfabetos, 44 sofreram algum tipo de processo, o que atingiu o percentual de 21,57%.

Considerando-se que a produção de palavras proparoxítonas implicou a aplicação de processos em percentual acima de 20%, chegando a observar-se o fato de que um Informante aplicou processos a 67,64% das palavras realizadas, verifica-se apresentar complexidade, para os falantes sem escolarização da Região de Mostardas e Tavares, o acento proparoxítono.

Diferentemente, os Informantes escolarizados da Região de Mostardas e Tavares, mesmo com baixa escolarização (os Informantes deste estudo completaram o 4º ano do Ensino Fundamental), produziram todas as palavras proparoxítonas de acordo com o alvo, evidenciando não lhes ser complexo o emprego desse tipo acento⁹.

A seguir, apresentam-se os resultados do emprego de palavras proparoxítonas pelos Informantes Analfabetos, já mostrados no Quadro 5, formalizados em gráficos, a fim de dar-se destaque aos fatos listados nos itens acima especificados.

⁹Em virtude de todos os Informantes Escolarizados terem produzido 100% das palavras proparoxítonas com o acento em consonância com o alvo, não houve a aplicação de processos a essas palavras e, conseqüentemente, não há razão para representar seus dados em um Quadro, a exemplo do que foi feito no Quadro 5, ao se registrarem os dados dos Informantes Analfabetos.

No Gráfico 1, é mostrada a aplicação de quatro tipos de processos às palavras proparoquítonas, pelos seis Informantes Analfabetos, cujos dados linguísticos constituem o *corpus* do presente estudo. É evidenciado o fato de que todos os seis Informantes aplicaram um ou mais processos na produção de proparoquítonas, sendo que se revela prevalente o emprego do Processo B – “elisão da última sílaba da palavra” (conforme já destacado no item (3) há pouco referido), o que se verifica preponderantemente na fala do Informante 4.

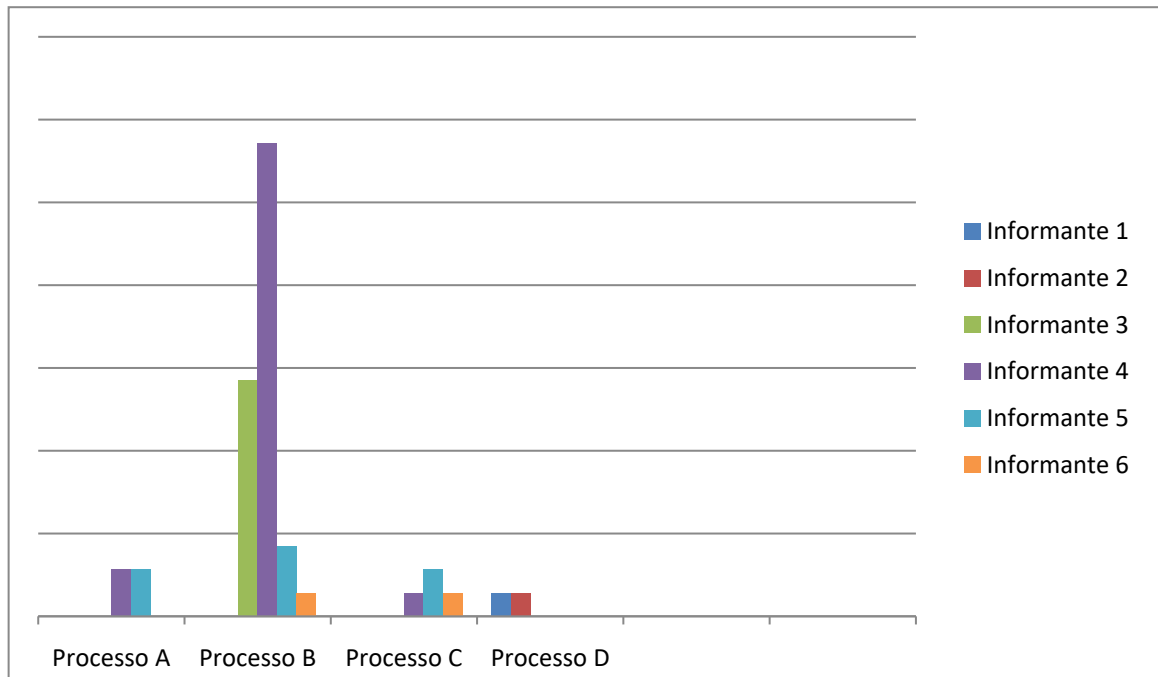


Gráfico 1 - Representação da aplicação de processos a palavras proparoquítonas pelos Informantes Analfabetos¹⁰

No Gráfico 2, vê-se a representação de que o Processo A – “elisão da vogal postônica, criando uma sílaba com coda” – foi aplicado por apenas dois Informantes: Informante 4 e Informante 5.

¹⁰A identificação dos Processos (A, B, C, D) corresponde à mesma apresentada no Quadro 5.

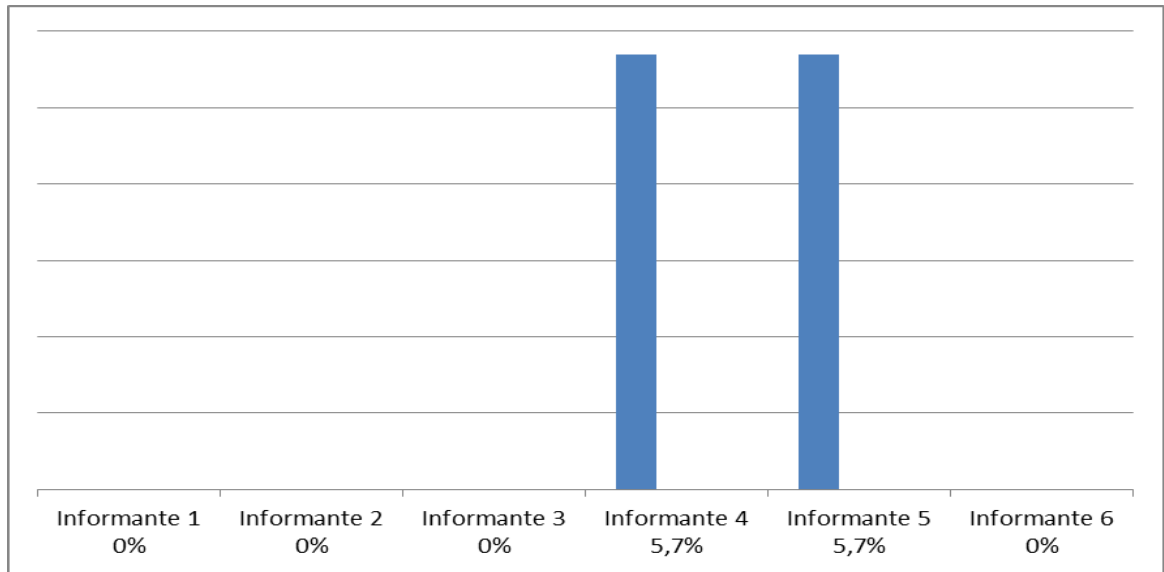


Gráfico 2 - Representação da aplicação do Processo A (elisão da vogal postônica, criando uma sílaba com coda) a palavras proparoхítonas apenas pelos Informantes 4 e 5

No Gráfico 3, está representada a aplicação do Processo B – “elisão da última sílaba da palavra” –, verificada nos dados de quatro Informantes, alcançando o mais alto índice no Informante 4.

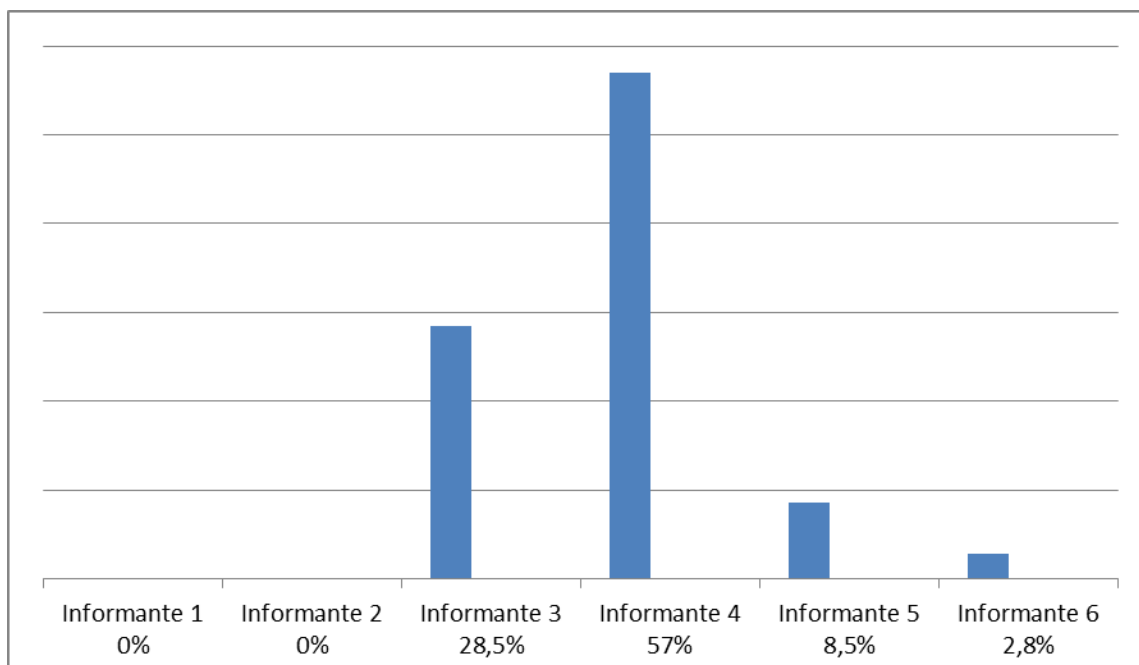


Gráfico 3 - Representação da aplicação do Processo B (elisão da última sílaba da palavra) a palavras proparoхítonas pelos Informantes 3,4, 5 e 6

No Gráfico 4, encontra-se representada a aplicação do Processo C – “elisão da consoante postônica, criando um ditongo crescente no final da palavra” –, encontrada nos dados de três Informantes, alcançando percentuais baixos.

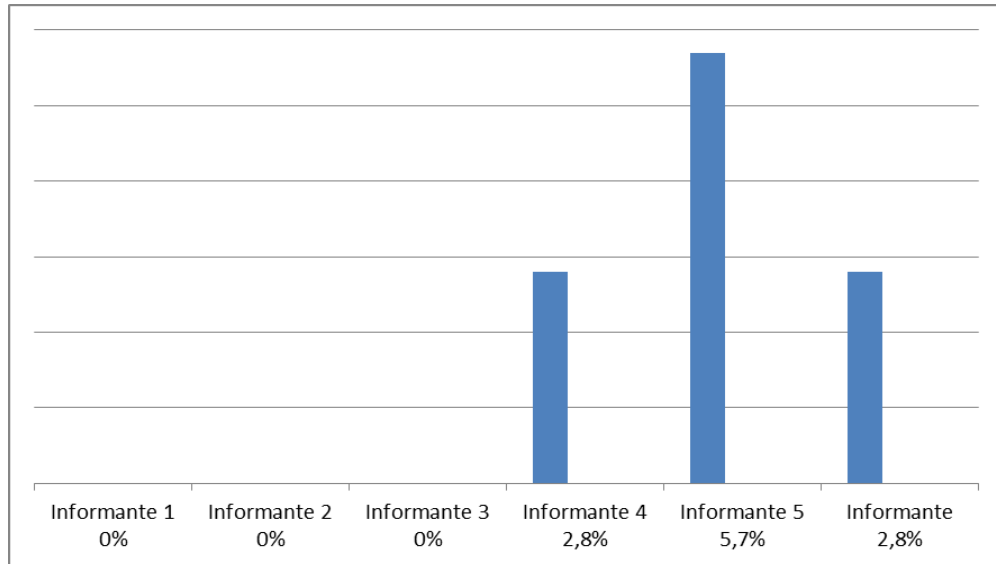


Gráfico 4 - Representação da aplicação do Processo C (elisão da consoante postônica, criando um ditongo crescente) a palavras proparoxítonas pelos Informantes 4, 5 e 6

No Gráfico 5, está a representação do Processo D – “alteração do acento, criando uma palavra paroxítona” –, encontrada nos dados de dois Informantes, em percentuais baixos.

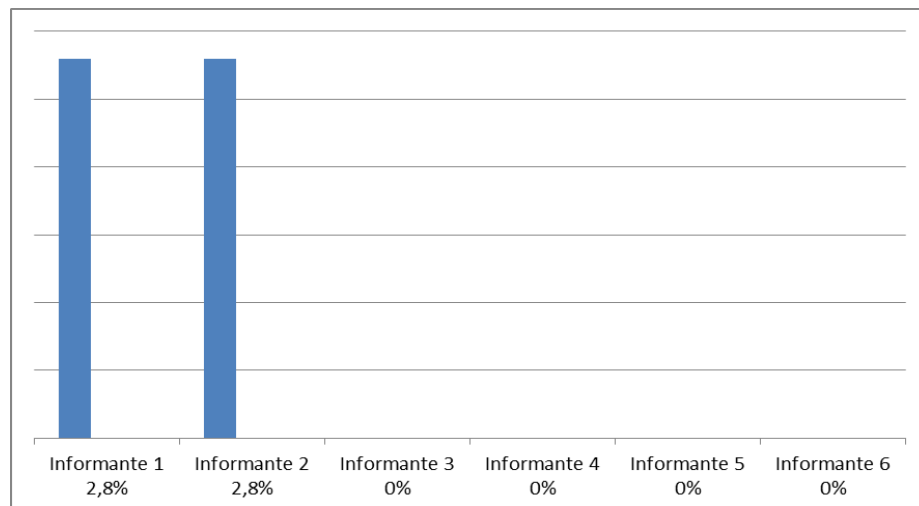


Gráfico 5 - Representação da aplicação do Processo D (alteração do acento, criando uma palavra paroxítona) a palavras proparoxítonas apenas pelos Informantes 1 e 2

Observando-se os dados quanto ao número de ocorrência de processos aplicados a palavras proparoxítonas e quanto aos percentuais que alcançam tais ocorrências, sem fazer

ainda a análise estatística, vê-se, conforme já foi referido, que todos os Informantes Analfabetos aplicaram processos na produção das palavras proparoxítonas que são alvos nesse estudo, enquanto os Informantes com escolaridade não aplicaram nenhum desses processos.

Nos dados dos Informantes Analfabetos, o acento proparoxítono foi mantido em um índice 56,87%, sendo que os Informantes 1 e 2 mantiveram em 97,2% o acento proparoxítono, tendo aplicado apenas um processo: o de alteração do acento. O Informante 3 fez em 28,5% a elisão da sílaba, ou seja, em dez palavras ele alterou o acento marcado para o não marcado, criando uma paroxítona terminada em vogal.

A Informante 4 mudou o acento marcado em 65,6% das palavras; ela aplicou três processos: duas vezes a elisão da vogal postônica, vinte vezes na elisão da sílaba (nesses processos de síncope, todas as palavras resultaram em uma paroxítona com acento não marcado) e uma vez na elisão da vogal postônica criando um ditongo, um tipo de síncope que cria paroxítona terminada em ditongo. No entanto, ao produzir palavras originalmente paroxítonas terminadas em ditongo, é relevante destacar que a Informante 4 lança mão da síncope da última vogal do ditongo e cria uma paroxítona com acento não marcado – esse fato será observado na Seção seguinte.

A Informante 5 em 19,9% alterou o acento para o não marcado – aplicou três processos: duas vezes a elisão da vogal postônica, três vezes a elisão da sílaba e duas vezes a elisão da vogal postônica criando um ditongo. A Informante 6 em apenas 5,6% alterou o acento em dois processos: uma vez na elisão da sílaba e uma vez na elisão da vogal postônica criando um ditongo.

Pelo fato de todos os Informantes Analfabetos terem aplicado no mínimo um processo na produção de palavras proparoxítonas e de o índice geral de acertos não ter alcançado 60%, pode considerar-se complexa, para esses Informantes, a atribuição do acento proparoxítono – ficou evidente a tendência à evitação do acento marcado, sendo que dos processos resultaram vocábulos com acento não marcado, exceto na criação do ditongo no final da sílaba, este processo se deu no percentual de 11,3%.

4.1.2 A produção de palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente

O instrumento proposto para o presente estudo contava com 49 palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente – todas estão discriminadas no Quadro 4, Seção 3.4. Na produção dessas palavras, todos os seis Informantes sem escolarização apresentaram no mínimo a aplicação de um tipo de processo, conforme mostram os dados expostos no Quadro 6. No Quadro, verifica-se que quatro foram os tipos de processos aplicados às palavras com acento paroxítono, terminadas em ditongo crescente: (a) elisão da 2ª vogal do ditongo, (b) elisão da sílaba final da palavra, (c) epêntese e (d) metátese. Observa-se que a aplicação dos processos listados em (a), (b) e (d) origina palavras paroxítonas terminadas em vogal, o que as torna portadoras de acento não marcado no Português. Diferentemente, o processo identificado em (d), por tratar-se de uma epêntese consonantal, implica o desfazimento da sequência vocálica final e, como o acento permanece imutável, passa a ser produzida uma palavra proparoxítona.

O Quadro 6 resume o tipo de processo aplicado às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, bem como o percentual e o número de vezes de sua aplicação por cada um dos seis Informantes Analfabetos. Destaca-se que cada Informante produziu 49 palavras paroxítonas terminadas em ditongo.

Processos	Inf.1	Inf.2	Inf.3	Inf.4	Inf.5	Inf.6	Total de cada processo
(a) Elisão da 2ª vogal do ditongo (Ex.:pátio-pati)	61% (30/49)	14% (7/49)	42% (21/49)	79% (39/49)	38% (19/49)	40% (20/49)	136/294
(b) Elisão da sílaba final (Ex.: valáquio-valá)	0%	0%	0%	8% (4/49)	0%	0%	4/294
(c) Epêntese (Ex.:olímpio-olimpi[tu])	0%	8% (4/49)	0%	0%	22% (11/49)	2% (1/49)	16/294
(d) Metátese (Ex.: sábio-saibo)	0%	0%	0%	0%	0%	2% (1/49)	1/294
Total de processos aplicados por Informante	30/49	11/49	21/49	43/49	30/49	22/49	
Total geral de processos							157/294

Quadro 6 - Processos aplicados às palavras paroxítonas terminadas em ditongo pelos Informantes Analfabetos (49 palavras paroxítonas)

Fonte: A Autora

As seguintes observações são derivadas dos dados mostrados no Quadro 6:

- (1) todos os seis Informantes Analfabetos aplicaram pelo menos um tipo de processo a uma palavra paroxítona terminada em ditongo crescente;
- (2) o tipo de processo menos aplicado a palavras paroxítonas foi a “metátese”, tendo sido aplicado apenas pelo Informante 6 (1 ocorrência em 49 possibilidades), e também o processo de “elisão da última sílaba da palavra”, aplicado apenas pelo Informante 4 (4 ocorrências em 49 possibilidades);
- (3) o tipo de processo mais aplicado a palavras paroxítonas foi a “elisão da 2ª vogal do ditongo” (136/294, alcançando o percentual de 46,26%), tendo sido aplicado por todos os seis Informantes – atingindo quase 50% das palavras que constituíram o corpus deste estudo, esse processo parece ser caracterizador do Português falado na Região de Mostardas e Tavares/RS;
- (4) o Informante 4 aplicou o maior percentual de processos a palavras paroxítonas terminadas em ditongo (43/49, alcançando o percentual de 87,75%), seguido pelo Informante 5 (30/49, alcançando o percentual de 61,22%) – o Informante 4 também foi o que aplicou maior número de processos em palavras proparoxítonas (vejam-se os dados do Quadro 5);
- (5) o Informantes 2 aplicou o menor percentual de processos a palavras paroxítonas terminadas em ditongo (aplicou apenas um tipo de processo) – ver item (b) do Quadro 6;
- (6) dentre as 294 palavras paroxítonas terminadas em ditongo produzidas pelos seis Informantes Analfabetos, 157 sofreram algum tipo de processo, o que atingiu o percentual de 53,40% (acima, portanto, de 50%).

Considerando-se que a produção de palavras paroxítonas terminadas em ditongo implicou a aplicação de processos em percentual acima de 50%, chegando a observar-se o fato de que um Informante (Informante 4) aplicou processos a 87,75% das palavras realizadas, verifica-se apresentar complexidade, para os falantes sem escolarização da Região de Mostardas e Tavares, esse tipo de acento. Como o índice de aplicação de processos a palavras proparoxítonas não chegou a 30% e que o índice mais alto de aplicação de processos a proparoxítonas foi de 67,64% (também Informante 4), é possível afirmar-se que as palavras paroxítonas terminadas em ditongo se constituem em unidades portadoras de acento mais complexo, para os falantes da Região aqui estudada, do que o acento proparoxítono.

Diferentemente, os Informantes escolarizados da Região de Mostardas e Tavares, mesmo com baixa escolarização (os Informantes deste estudo completaram apenas o 4º ano do Ensino Fundamental), produziram todas as palavras paroxítonas terminadas em ditongo de acordo com o alvo, evidenciando não lhes ser complexo o emprego desse tipo acento¹¹.

A seguir, apresentam-se sumarizados em gráficos os resultados do emprego de palavras paroxítonas terminadas em ditongo pelos Informantes Analfabetos, já mostrados no Quadro 6. Com essa formalização, enfatizam-se os fatos listados nos itens acima especificados.

No Gráfico 6, é mostrada a aplicação de quatro tipos de processos às palavras paroxítonas terminadas em ditongo, pelos seis Informantes Analfabetos, cujos dados linguísticos constituem o *corpus* do presente estudo. É evidenciado o fato de que todos os seis Informantes aplicaram um ou mais processos na produção de paroxítonas terminadas em ditongo, sendo que se revela prevalente o emprego do Processo A – “elisão da 2ª vogal do ditongo” (conforme já destacado no item (3) há pouco referido), o que se verifica preponderantemente na fala do Informante 4.

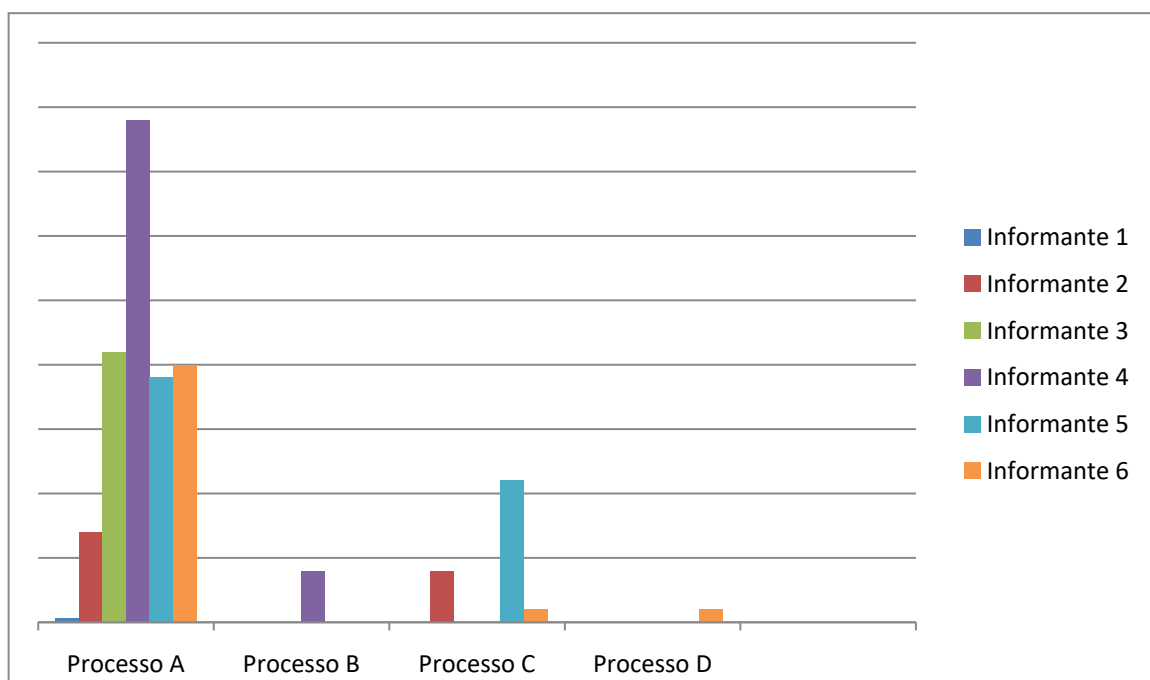


Gráfico 6 - Representação da aplicação de processos a palavras paroxítonas terminadas em ditongo pelos Informantes Analfabetos¹²

¹¹Em virtude de todos os Informantes Escolarizados terem produzido 100% das palavras paroxítonas terminadas em ditongo com o acento em consonância com o alvo, não houve a aplicação de processos a essas palavras e, consequentemente, não há razão para representar seus dados em um Quadro, a exemplo do que foi feito no Quadro 6, ao se registrarem os dados dos Informantes Analfabetos.

¹²A identificação dos Processos (A, B, C, D) corresponde à mesma apresentada no Quadro 6.

No Gráfico 6, tem-se a representação de incidência do Processo A – “elisão da 2ª vogal do ditongo” –, aplicado por todos os seis Informantes sem Escolaridade que integram o presente estudo.

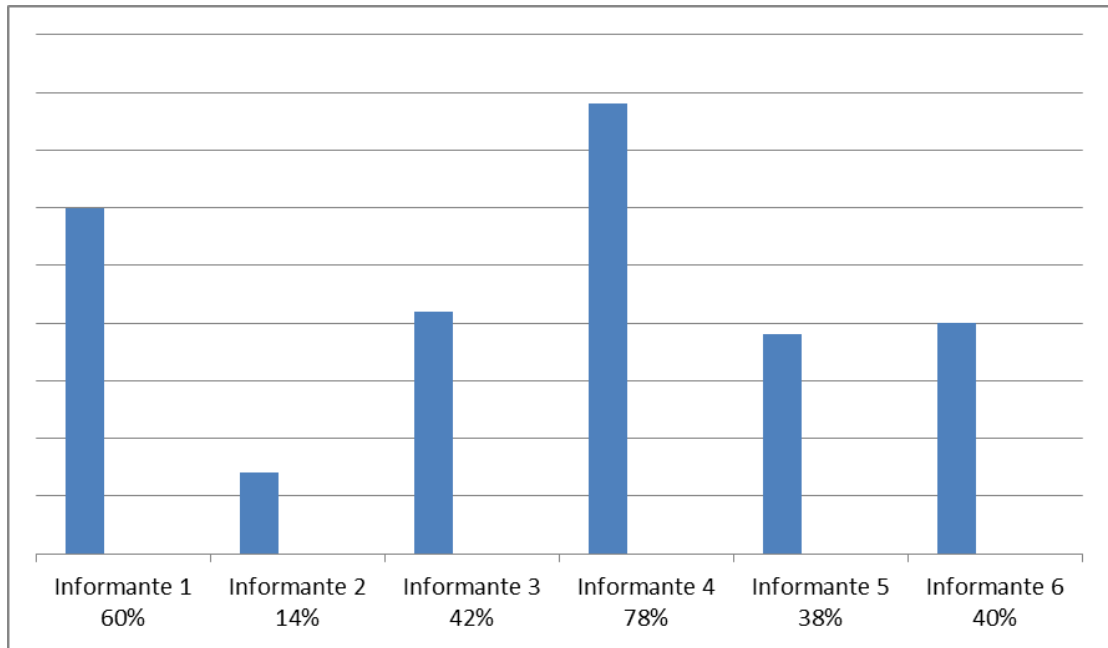


Gráfico 7 - Representação da aplicação do Processo A (elisão da 2ª vogal do ditongo) a palavras paroxítonas terminadas em ditongo, presente nos dados dos seis Informantes Analfabetos

Gráfico 8, está representada a aplicação do Processo B – “elisão da última sílaba da palavra” –, verificada nos dados de apenas um Informante, alcançando o índice de 8,16%.

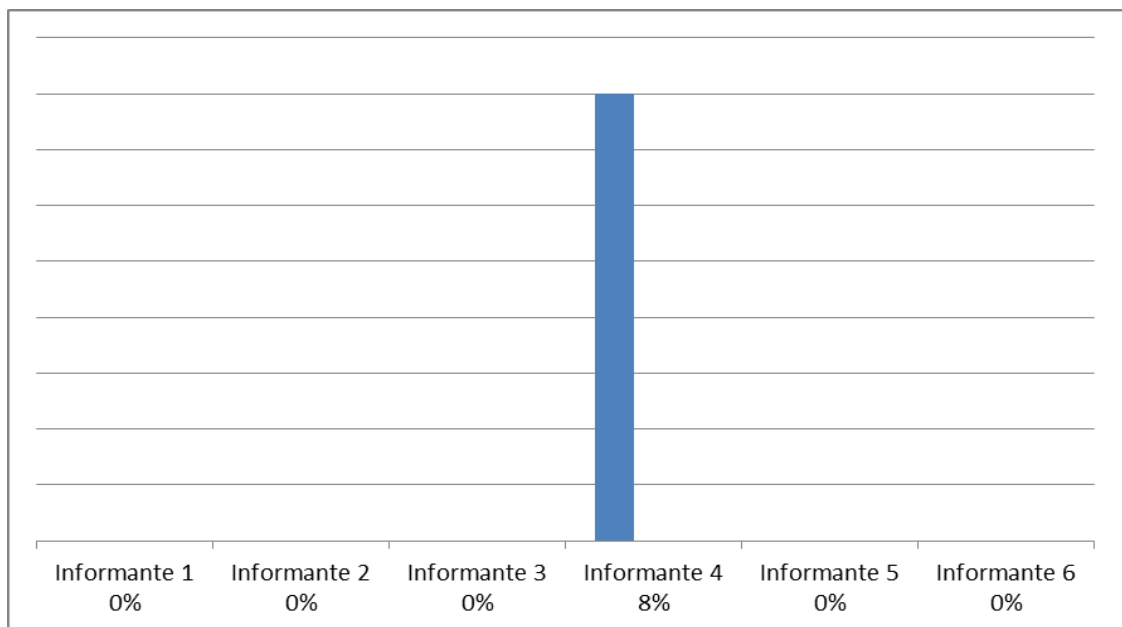


Gráfico 8 - Representação da aplicação do Processo B (elisão da última sílaba) a palavras paroxítonas terminadas em ditongo pelo Informante 4

No Gráfico 9, encontra-se representada a aplicação do Processo C – “epêntese” –, encontrada nos dados de três Informantes, alcançando percentual pouco acima de 20% nos dados do Informante 5.

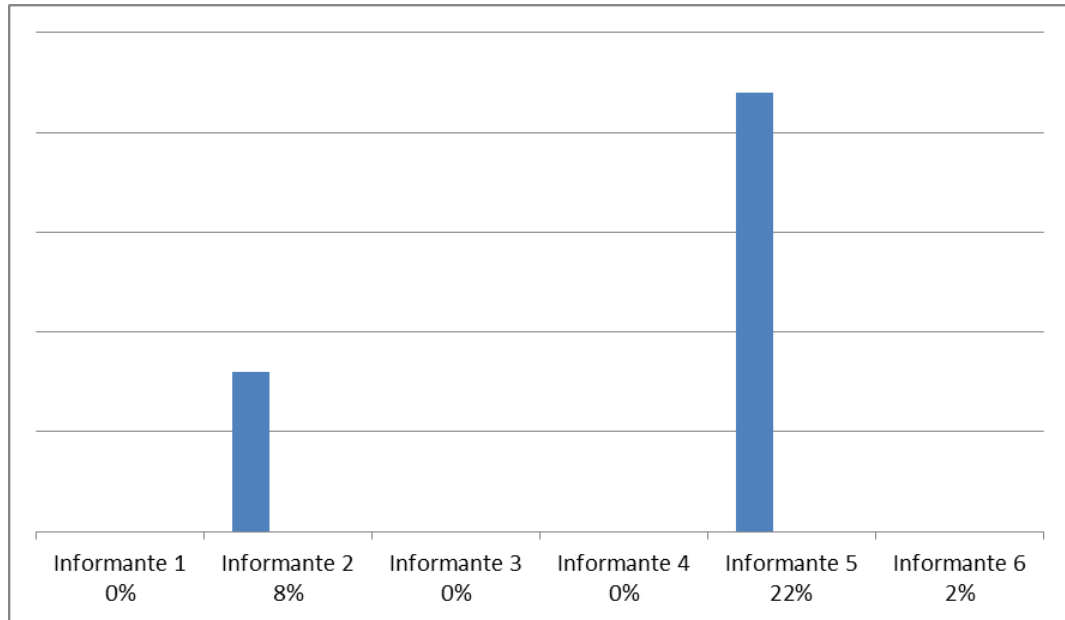


Gráfico 9 - Representação da aplicação do Processo C (epêntese) a palavras paroxítonas terminadas em ditongo

No Gráfico 10, está a representação do Processo D – “metátese” –, encontrado nos dados de apenas um Informante (Informante 6), registrado em apenas uma ocorrência.

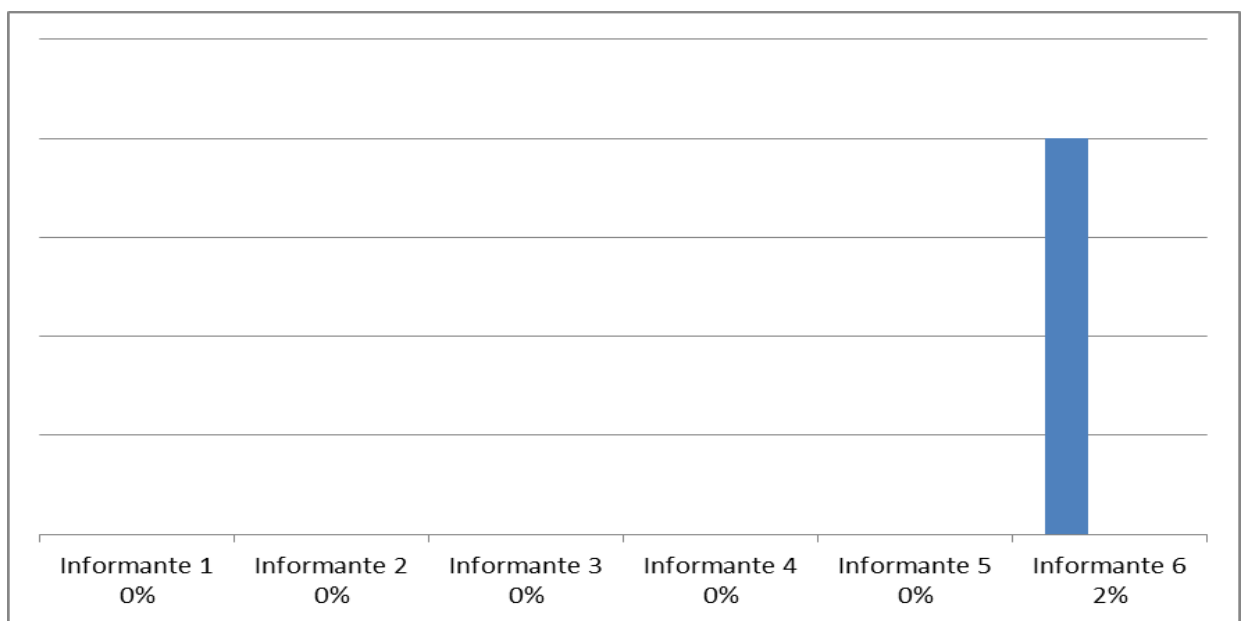


Gráfico 10 - Representação da aplicação do Processo D (metátese) a palavras paroxítonas terminadas em ditongo pelo Informante 6

Nas palavras cuja produção alvo se mostra paroxítona terminada em ditongo crescente, os dados dos Informantes Analfabetos, parte do *corpus* do presente estudo, evidenciaram alta incidência de aplicação de processos na busca de atribuição de acento não marcado ou menos marcado. Pelos resultados registrados no Quadro 6 e representados nos gráficos subsequentes, vê-se que todos os informantes aplicaram um ou mais processos às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, sendo que na produção de todos a *elisão da segunda vogal do ditongo*, parece ser manifestação característica da comunidade aqui alvo da investigação. Destaca-se a Informante 4, cujos dados evidenciam o mais alto índice de busca do acento não marcado para palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente (43 ocorrências em 49 possibilidades de produção de palavras com esse acento, alcançando o percentual de 87,75%), seguida pela Informante 5 (30 ocorrências em 49 possibilidades de produção de palavras com esse acento, alcançando o percentual de 61,22%). Salienta-se ainda que a Informante 4 também foi a que aplicou maior número de processos em palavras proparoxítonas, conforme mostram os dados do Quadro 5.

Comparando-se os dados mostrados nos Quadros 5 e 6 e os índices de aplicação de processos também registrados nos gráficos apresentados, verifica-se ser mais marcado o acento de palavras produzidas como paroxítonas terminadas em ditongo do que o acento de palavras produzidas como proparoxítonas: enquanto nas *proparoxítonas* os informantes aplicaram quarenta e quatro vezes algum tipo de processo para torná-las não marcadas (em um universo de 204 palavras - 21,57%), nas *paroxítonas terminadas em ditongo*, houve a aplicação de processos em cento e cinquenta e sete vezes (em um universo de 294 palavras - 53,40%).

Os dados evidenciaram que a evitação do acento marcado, tanto em se tratando de palavras proparoxítonas, como de paroxítonas terminadas em ditongo, ocorreu preponderantemente por meio do processo de síncope (foco deste estudo).

Quanto à produção de palavras proparoxítonas, observa-se que três dos quatro tipos de processos a elas aplicados foram de “elisão de unidades”: Elisão da vogal postônica (com criação de coda), Elisão da última sílaba da palavra, Elisão da consoante postônica (com criação de ditongo). Apenas um dos processos de busca de acento não marcado não implicou síncope de uma unidade da palavra: Alteração do acento (com criação de paroxítona) – vejam-se os dados do Quadro 5.

Com relação à produção das paroxítonas terminadas em ditongo, a observação que se pode fazer a partir do Quadro 6 tem proximidade com a exposta acima: dois dos quatro tipos

de processos a elas aplicados foram de “elisão de unidades”: Elisão da 2ª vogal do ditongo e Elisão da sílaba final da palavra. Diferentemente dos processos de elisão, pela metátese, há a busca do acento paroxítono (não marcado) por alteração na sequência dos segmentos. Com a aplicação do processo de epêntese, houve a produção do acento proparoxítono, passando a última sílaba da palavra a receber a estrutura CV, no nível fonético (*olímpio*-olimpi[tu]), em lugar da estrutura CGV que teria no nível fonético de uma paroxítona terminada em ditongo (*olímpio*-olim[pju]). O importante a salientar é que, dentre os quatro processos de que as paroxítonas terminadas em ditongo foram alvo, a prevalência incontestada foi de um processo de síncope – “elisão da 2ª vogal do ditongo” – com 136 ocorrências em 294 possibilidades de produção de paroxítonas terminadas em ditongo, alcançando o percentual de quase 50% dos dados (46,26%), tendo sido aplicado por todos os seis Informantes. Esse processo parece efetivamente ser caracterizador do Português falado na Região de Mostardas e Tavares/RS.

4.1.3 A produção de palavras extras

O foco desta investigação, por estar no emprego de palavras com acento marcado no PB, teve a constituição de seu *corpus* a partir da aplicação de um instrumento, conforme foi explicitado no Capítulo dedicado aos procedimentos metodológicos do estudo.

No entanto, a entrevista em que houve a aplicação do instrumento, por ter seguido uma orientação sociolinguística, também oportunizou a produção, pelos informantes, de outras palavras, além daquelas eliciadas pela pesquisadora, portadoras da estrutura aqui investigada: palavras proparoxítonas e palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Esta seção é dedicada à descrição dessa produção espontânea, sendo as palavras identificadas como *palavras extras*. Na verdade, a produção das *palavras extras* foi estimulada pela pesquisadora em um diálogo que favorecia o seu emprego; nesse contexto, todos os Informantes produziram todas as *palavras extras*.

O Quadro 7 apresenta as *palavras extras* presentes no *corpus* desta pesquisa.

<i>Palavras extras - proparoxítonas</i>	<i>Palavras extras – paroxítonas terminadas em ditongo</i>
Xícara	Gênio
Árvore	Glória
Chácara	Lírio
Abóbora	Mágoa
Bárbaro	
Fósforo	
Máscara	
Véspera	
Ópera	
Úlcera	
Exército	
Lâmpada	
Pântano ¹³	
Estômago	

Quadro 7 - Relação das palavras extras desta pesquisa – palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo usadas na pesquisa

Fonte: A autora

O registro do Quadro 7 revela que, na fala espontânea, enquanto foram produzidas 14 palavras proparoxítonas, os Informantes apresentaram a realização de apenas quatro palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

Destaca-se que três das quatro palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente (*gênio*, *lírio*, *mágoa*) foram realizadas de acordo com o alvo da língua; apenas a produção da palavra *glória* apresentou um processo fonológico na fala da Informante 4: houve a produção de *glóri*, com a elisão da última vogal do ditongo crescente. Nessa produção, a Informante 4 mostrou consistência com as produções que foram eliciadas pelo instrumento (veja-se o Quadro 5).

Na produção das *palavras extras* proparoxítonas, os Informantes Analfabetos aplicaram apenas dois dos quatro tipos de processos identificados na realização das palavras proparoxítonas do instrumento: elisão da última sílaba da palavra e elisão da consoante

¹³ Os dados relativos à palavra “pântano” devem ser observados com cautela, já que, diferentemente do que ocorre com as outras listadas no Quadro 7, é item lexical que tende a ser alvo de alteração do acento, sendo produzido como paroxítona.

postônica com criação de ditongo. Pela estrutura da grande maioria das *palavras extras* proparoxítonas (em 10 das 14 palavras) – o onset da última sílaba é uma líquida e o onset da penúltima sílaba é uma plosiva ou uma fricativa labial (o que não ocorreu em nenhuma das palavras do instrumento) –, o processo mais empregado foi *elisão da vogal postônica (criando um onset complexo)*: ex.: *xícara*→xi[kr]a. Nas outras estruturas (nas 4 últimas palavras do Quadro 7), o acento proparoxítono foi mantida, sendo que operaram substituições de outros segmentos nas palavras: exs.: *lâmpada*→ [lâmpida] (houve processo de dissimilação vocálica); *pântano*→[pântalo] ~ [pântaro](houve processo de substituição entre consoantes soantes no onset da sílaba postônica final).

Processos	Inf.1	Inf.2	Inf.3	Inf.4	Inf.5	Inf.6	Total de cada processo
(a) Elisão da vogal postônica (criação de onset complexo) (Ex.: <i>xícara</i> -xi[kr]a)	28,6% 4/14	7,1% 1/14	35,7% 5/14	35,7% 5/14	57,1% 8/14	35,7% 5/14	28/84
(b) Metátese (Ex.: <i>úlcer</i> a-úrse <i>la</i>)	-	7,1% 1/14	-	-	7,1% 1/14	7,1% 1/14	3/84
(c) Elisão da sílaba final (Ex.: <i>úlcer</i> a-úr <i>si</i>)	-	7,1% 1/14	7,1% 1/14	50% 7/14	7,1% 1/14	-	10/84
(d) Elisão da vogal postônica e do onset da sílaba postônica (Ex.: <i>árvore</i> -ar <i>vi</i>)	-	-	7,1% 1/14	7,1% 1/14	14,3% 2/14	-	4/84
(e) Alteração do acento (Ex.: <i>pântano</i> -pantano)	-	-	7,1% 1/14	7,1% 1/14	7,1% 1/14	-	3/84
(f) Elisão da consoante postônica (Ex.: <i>véspera</i> -vés <i>pria</i>)	-	-	-	-	-	7,1% 1/14	1/84
Total de processos aplicados por Informante	4/14	3/14	8/14	14/14	13/14	7/14	
Total geral de processos							48/84

Quadro 8 - Processos aplicados às palavras extras proparoxítonas pelos Informantes Analfabetos

Fonte: A Autora

Os dados do Quadro 8 possibilitam algumas observações:

- (1) todos os seis Informantes Analfabetos aplicaram pelo menos um tipo de processo às *palavras extras proparoxítonas*;
- (2) o tipo de processo menos aplicado às *palavras extras proparoxítonas* foi a “elisão da consoante postônica”, tendo sido aplicado apenas pelo Informante 6;
- (3) o tipo de processo mais aplicado às *palavras extras proparoxítonas* foi a “elisão da vogal postônica, criando um onset complexo”, tendo sido aplicado por quatro dos seis Informantes;

- (4) o Informante 4 aplicou processos em todas as *palavras extras proparoquítonas* (100% das palavras), seguido pelo Informante 5, que deixou de aplicar processo em apenas uma das *palavras extras proparoquítonas*;
- (5) os Informantes 1 e 2 aplicaram o menor percentual de processos às *palavras extras proparoquítonas*.
- (6) dentre as 14 *palavras extras proparoquítonas* produzidas pelos seis Informantes Analfabetos, todas sofreram algum tipo de processo.

A observação registrada no item 6 vem corroborar o entendimento, já expresso na Seção 4.1.1, de que o acento proparoquítono apresenta complexidade para os falantes sem escolarização da Região de Mostardas e Tavares.

A seguir, apresentam-se os resultados do emprego de *palavras extras proparoquítonas* pelos Informantes Analfabetos, já mostrados no Quadro 7, formalizados em gráficos, a fim de dar-se destaque aos fatos listados nos itens acima especificados.

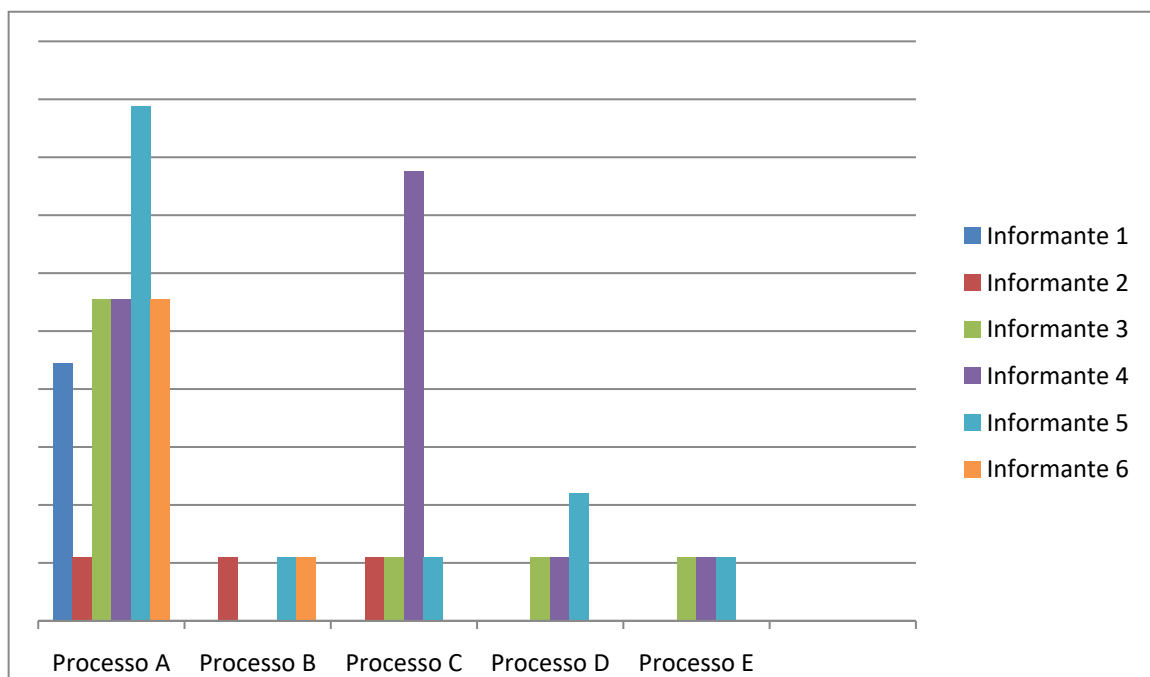


Gráfico 11 - Representação da aplicação de processos às palavras extras proparoquítonas produzidas pelos Informantes Analfabetos¹⁴

O Gráfico 11 permite a observação clara de que o “Processo A” – elisão da vogal postônica, criando um onset complexo – foi aplicado por todos os seis Informantes Analfabetos, como também a identificação de que os Informantes 4 e 5 foram os que mais

¹⁴A identificação dos Processos (A, B, C, D, E) corresponde à mesma apresentada no Quadro 7.

aplicaram processos às *palavras extras proparoquítonas*. Comparando-se esses dados com aqueles obtidos por meio da produção de palavras proparoquítonas eliciadas pelos instrumentos, expressos no Quadro 5 e no Gráfico 1, pode atestar-se que o Informante 4 foi o que aplicou maior número de processos na realização de palavras com esse tipo de acento.

A título de exemplo, no Quadro 9 apresentam-se algumas *palavras extras proparoquítonas* produzidas pelos Informantes Analfabetos que integraram o presente estudo, com a transcrição fonética que identifica o processo que a palavra sofreu, bem como a determinação do número do Informante que a realizou e da alínea que remete à explicitação do processo (a descrição sucinta do(s) processo(s) aplicado(s) às *palavras extras proparoquítonas* está disposta em alíneas após o Quadro 9).

Palavra proparoquítona alvo	Realização	Informante	Processo
Xícara	xi[kr]a	1,3,4,5, 6	(a)
Árvore	[‘avoli]	1	(b)
	[‘arvoli]	2	(c)
	[‘avori]	3	(d)
	[‘arverow]	4	(e)
Chácara	cha[kr]a	1,3,4,5, 6	(a)
Bárbaro	[‘babaru]	1	(d)
	[‘barbarow]	2	(e)
	[‘barba]	3	(f)
	[‘brabru]	4	(g)
Abóbora	abo[br]a	1,3,4,5, 6	(a)
Fósforo	[‘frofru]	1	(h)
	[‘fosfru]	2	(a)
Máscara	mas[kr]a	1, 3, 5, 6	(a)
	mas[k]a	4	(i)
Véspera	[‘vEstΣika]	1	(j)
Ópera	[‘□klera]	1	(k)
	[‘□pri]	2	(l)
Úlcera	[‘ursola]	1	(l)
	[‘ursa]	2	(m)
	[‘ursi]	3	(n)
	[‘ursela]	4	(o)
Lâmpada	[‘lâmpida]	3	(p)
Pântano	[‘pântalo]	1	(q)
	[‘pântaro]	2	(q)

Quadro 9 - Exemplos de produção das palavras extras proparoquítonas produzidas pelos Informantes Analfabetos

Listam-se, a seguir, os processos aplicados às formas das *palavras extras proparoquítonas* produzidas pelos Informantes desta pesquisa que não têm escolarização, dispostos em alíneas que correspondem ao que foi expresso na quarta coluna do Quadro 9:

- (a) elisão da vogal postônica, criando um onset complexo;

- (b) elisão da rótica em coda silábica e alternância da rótica em onset postônico com a lateral;
- (c) alternância da rótica em onset postônico com a lateral;
- (d) elisão da rótica em coda silábica;
- (e) criação de ditongo decrescente final;
- (f) elisão da sílaba postônica final da palavra;
- (g) metátese e elisão da vogal postônica;
- (h) elisão da vogal postônica, criando um onset complexo e elisão da fricativa em coda silábica;
- (i) elisão da vogal postônica e da consoante rótica que é onset da sílaba postônica final;
- (j) substituição das consoantes em onset das duas sílabas postônicas, empregando duas consoantes obstruintes;
- (k) substituição da consoante em onset da sílaba postônica, empregando consoante obstruinte dorsal e epêntese da líquida lateral, criando um onset silábico complexo;
- (l) metátese das consoantes líquidas e substituição da vogal média postônica de coronal para dorsal;
- (m) alternância da líquida lateral em coda silábica, elisão da vogal postônica e elisão da consoante em onset da sílaba postônica final;
- (n) alternância da líquida lateral em coda silábica, elisão da vogal postônica, elisão da consoante em onset da sílaba postônica final e elevação da vogal átona final;
- (o) metátese das consoantes líquidas;
- (p) elevação da vogal postônica não final, implicando uma dissimilação;
- (q) substituição da consoante nasal em onset da sílaba postônica final por uma líquida (substituição de uma consoante soante coronal por outra consoante soante coronal).

Os exemplos, expostos no Quadro 9, das *palavras extras proparoxítonas* realizadas pelos Informantes Analfabetos, em comportamento consistente com a observação já feita em relação às palavras produzidas a partir do instrumento proposto para esta pesquisa, evidenciam que o acento proparoxítono se mostra complexo, já que a essas palavras foram

aplicados vários processos que alteram a sua estrutura segmental. Um fato importante, no entanto, a ser ressaltado é que o acento sempre permaneceu na mesma sílaba; mesmo quando a palavra passou de proparoxítona para paroxítona, o acento foi mantido na sílaba que já era a sua portadora na palavra alvo.

4.2 Análise Estatística dos Dados

A fim de verificar-se a significância dos processos aplicados a palavras proparoxítonas e a palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente pelos Informantes do presente estudo, todos os dados obtidos por meio da aplicação do instrumento (veja-se Capítulo dos procedimentos metodológicos) foram submetidos a uma análise estatística.

A análise estatística dos dados é um conjunto de técnicas que permite, de forma sistemática, organizar, descrever, analisar e interpretar dados oriundos de estudos. Dentro das técnicas de análise de dados quantitativos, há dois ramos a considerar: a Estatística Descritiva e a Inferencial. A estatística utilizada nesta presente pesquisa é a Inferencial, que permite retirar conclusões acerca do foco de pesquisa, com base nos resultados obtidos na amostra utilizada. A Estatística Inferencial engloba todos os testes estatísticos, de associações ou diferenças, que permitem concluir, recorrendo a probabilidades estatísticas, se as associações ou diferenças encontradas nas amostras estarão ou não presentes no alvo da pesquisa.

Um passo importante entre a descrição inicial dos dados, com o recurso da Estatística Inferencial, é analisar as características da distribuição das variáveis na amostra em questão – no presente estudo, trata-se da Escolaridade. Para isso, deve-se fazer uma análise exploratória dos dados, que é um conjunto de procedimentos que permitirá decidir com segurança qual é o tipo de teste estatístico, paramétrico ou não paramétrico, a que se deve recorrer para testar as hipóteses de investigação.

Após fazer-se a análise exploratória dos dados da presente pesquisa, o teste que se enquadrava na pesquisa foi o Mann-Whitney; este teste averigua se as ordens médias de dois grupos independentes ao nível de uma variável dependente ordinal diferem.

Seguindo este encaminhamento, para a análise dos dados, cada processo foi comparado com os níveis de escolaridade, utilizando-se o teste Mann-Whitney. Valores de significância baixos (valor $p < 0,05$) indicam que as duas variáveis diferem na distribuição.

Quando o valor de significância do teste for maior que 0,05, aceita-se a hipótese de que não há diferença significativa entre os dois grupos. Os valores de U calculados pelo teste avaliam o grau de entrelaçamento dos dados dos dois grupos após a ordenação: quanto mais baixo for o valor de U, maior será a evidência de que as populações são diferentes.

Nas seções seguintes, apresentam-se os resultados obtidos com o uso do instrumental da Estatística Inferencial.

4.2.1 Análise estatística dos processos aplicados às palavras proparoxítonas

No Quadro 10, encontram-se os resultados obtidos com a análise dos processos aplicados às palavras proparoxítonas, constantes do instrumento utilizado nesta pesquisa, à luz da Estatística Descritiva. Lembra-se que os processos foram registrados apenas no *corpus* produzido pelos Informantes Analfabetos, já que os Informantes escolarizados não aplicaram qualquer processo na produção de palavras com acento proparoxítono.

Estatísticas descritivas								
	N	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	Percentis		
						25th	50th (Median)	75th
Proparoxítona- elisão da vogal postônica (coda)	12	,9517	2,22261	,00	5,71	,0000	,0000	,0000
Proparoxítona- elisão de sílaba	12	8,0942	17,52039	,00	57,14	,0000	,0000	7,1400
Proparoxítona- elisão da consoante postônica	12	,9508	1,85864	,00	5,71	,0000	,0000	2,1375
Proparoxítona- alteração do acento (paroxítona)	12	,4750	1,10936	,00	2,85	,0000	,0000	,0000
Escolaridade	12	,5000	,52223	,00	1,00	,0000	,5000	1,0000

Quadro 10 - Resultados da análise estatística dos processos aplicados na produção de palavras proparoxítonas pelos Informantes Analfabetos: número de informantes, média, desvio padrão e percentis – Estatísticas Descritivas

Na Estatística Descritiva resumida no Quadro 10, resultante do uso do Programa SPSS, a letra N representa o número de informantes analisados; têm-se também os valores da média e desvio padrão: a média consiste no resultado das somas de todos os valores dos dados

numa determinada variável, dividido pelo número total de valores. O desvio padrão traduz a dispersão média dos valores individuais em relação ao valor da média da amostra na variável em questão. No lado direito do Quadro, têm-se os percentis, que são basicamente o quartil: o primeiro quartil é 25th, refere-se a 25%; o segundo quartil é 50th, que divide a amostra em 50%; esse valor é a mediana e o terceiro quartil que correspondem a 75% dos dados. Esses valores de quartis são importantes para se fazerem gráficos¹⁵.

No Quadro 11, têm-se os valores dos *ranks* dos dados analisados no teste estatístico.

Classificações


	Escolaridade	N	MeanRank	Sum of Ranks
Proparoxítona- elisão da vogal postônica (coda)	Analfabeto	6	7,50	45,00
	Até 4 série	6	5,50	33,00
	Total	12		
Proparoxítona- elisão de sílaba	Analfabeto	6	8,50	51,00
	Até 4 série	6	4,50	27,00
	Total	12		
Proparoxítona-elisão da consoante postônica	Analfabeto	6	8,00	48,00
	Até 4 série	6	5,00	30,00
	Total	12		
Proparoxítona- alteração do acento (paroxítona)	Analfabeto	6	7,50	45,00
	Até 4 série	6	5,50	33,00
	Total	12		

Quadro 11 - Valores dos ranks dos dados analisados no teste estatístico com referência às palavras proparoxítonas – Classificações

Os testes não paramétricos não usam os valores absolutos para o teste, mas os *ranks*: eles ranqueiam esses dados e usam esses ranks para fazer o teste. No Quadro 11, *Mean Rank* dá a média desses ranks, enquanto *Sum of Ranks* dá a soma desses ranks. É no Quadro 12, porém, que está de fato o teste estatístico.

¹⁵Aqui optou-se por não se fazerem gráficos referentes aos resultados estatísticos.

Test Statistics^a



	Proparoxítóna- elisão da vogal postônica (coda)	Proparoxítóna- elisão de sílaba	Proparoxítóna - elisão da consoante postônica	Proparoxítóna- alteração do acento (paroxítóna)
Mann-Whitney U	12,000	6,000	9,000	12,000
Wilcoxon W	33,000	27,000	30,000	33,000
Z	-1,483	-2,286	-1,897	-1,483
Sig. Assint. (2 caudas)	,138	,022	,058	,138
Sig. exata [2*(Sig. de 1-cauda)]	,394 ^b	,065 ^b	,180 ^b	,394 ^b

Quadro 12 - Valores do teste estatístico referentes para cada processo aplicado nas palavras proparoxítonas pelos Informantes Analfabetos – Test Statistics

a. Variável de agrupamento: Escolaridade b. Não corrigido para vínculos.

O Quadro 12, denominado *Test Statistics*, apresenta o que realmente precisa ser analisado e interpretado para se conhecerem significâncias estatísticas; analisam-se o valor do teste, que é representado pela letra U, e o valor de *p*, que é escrito *Sig. Assint. (2 caudas)*.

No teste aplicado às proparoxítonas, o valor estatisticamente significativo foi atribuído para o processo *elisão da sílaba final de palavra*, com valor $dep < 0,022$; esse foi o processo de síncope predominante (*crédito* → *credi*), do que resulta uma palavra paroxítona, com acento não marcado.

4.2.2 Análise estatística dos processos aplicados às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente

Seguindo-se o roteiro apresentado na seção precedente, têm-se, a partir do Quadro 13, os resultados obtidos com a análise estatística dos processos aplicados, pelos Informantes Analfabetos, às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, constantes do instrumento utilizado nesta pesquisa. à luz da Estatística Descritiva. Lembra-se que os processos foram registrados apenas no *corpus* produzido pelos Informantes Analfabetos, já que os Informantes escolarizados não aplicaram qualquer processo na produção de palavras com acento proparoxítono.

Pela ordem dos Quadros, tem-se a Estatística Descritiva, que traz a média, o desvio padrão e os percentis da amostra; após vêm o quadro dos *ranks* e, por último, o quadro que mostra os valores do teste estatístico, que é para onde se volta a análise.

Estatísticas descritivas

	N	Média	Desvio padrão	Mínimo	Máximo	Percentis		
						25th	50th (Median)	75th
Paroxítonas- elisão da 2 vogal do ditongo	12	22,6667	27,83501	,00	78,00	,0000	7,0000	41,5000
Paroxítonas- elisão da sílaba	12	,6667	2,30940	,00	8,00	,0000	,0000	,0000
Paroxítonas- epêntese	12	2,6667	6,51339	,00	22,00	,0000	,0000	1,5000
Paroxítona- metátese	12	,1667	,57735	,00	2,00	,0000	,0000	,0000
Escolaridade	12	,5000	,52223	,00	1,00	,0000	,5000	1,0000

Quadro 13 - Resultados da análise estatística dos processos aplicados na produção de palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente pelos Informantes Analfabetos: número de informantes, média, desvio padrão e percentis – *Estatísticas Descritivas*

No Quadro 14, são apresentados os valores dos *ranks* dos dados analisados no teste estatístico com relação às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

	Escolaridade	N	MeanRank	Sum of Ranks
Paroxítonas- elisão da 2 vogal do ditongo	Analfabeto	6	9,50	57,00
	Até 4 série	6	3,50	21,00
	Total	12		
Paroxítonas- elisão da sílaba	Analfabeto	6	7,00	42,00
	Até 4 série	6	6,00	36,00
	Total	12		
Paroxítonas- epêntese	Analfabeto	6	8,00	48,00
	Até 4 série	6	5,00	30,00
	Total	12		
Paroxítona- metátese	Analfabeto	6	7,00	42,00
	Até 4 série	6	6,00	36,00
	Total	12		

Quadro 14 - Valores dos ranks dos dados analisados no teste estatístico com referência às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente – Classificações

Conforme já foi explicitado, os testes não paramétricos não usam os valores absolutos, mas os *ranks*: eles ranqueiam esses dados e usam esses ranks para fazer o teste. No Quadro 14, *MeanRank* dá a média desses ranks, enquanto *Sum of Ranks* dá a soma desses ranks. O Quadro 15, então, traz de fato o teste estatístico.

	Paroxítonas- elusão da 2 vogal do ditongo	Paroxítonas- elusão da sílaba	Paroxítonas- epêntese	Paroxítona- metátese
Mann-Whitney U	,000	15,000	9,000	15,000
Wilcoxon W	21,000	36,000	30,000	36,000
Z	-3,077	-1,000	-1,892	-1,000
→ Sig. Assint. (2 caudas)	,002	,317	,059	,317
Sig exata [2*(Sig. de 1-cauda)]	,002 ^b	,699 ^b	,180 ^b	,699 ^b

Quadro 15 - Valores do teste estatístico referentes para cada processo aplicado nas palavras paroxítonas terminadas em ditongo pelos Informantes Analfabetos – Test Statistics

- Variável de agrupamento: Escolaridade
- Não corrigido para vínculos.

O Quadro denominado *Test Statistics* apresenta o que realmente é preciso ser analisado e interpretado. Para saber se os resultados são significativos, analisam-se o valor do teste que é representado pela letra U e o valor de *p* que é escrito *Sig. Assint. (2 caudas)*.

O teste de Mann-Whitney mostrou que há diferença entre escolaridade e as produções das paroxítonas terminadas em ditongo crescente no processo de *elisão da 2ª vogal do ditongo* (*pátio*→*pati*): o valor, foi de $p < 0,002$ (linha *Sig. Assint. (2 caudas)*; neste caso, o valor de U= ,000, com uma significância associada de $p < 0,002$. É estatisticamente significativo. Conclui-se que não apenas se está perante diferenças significativas entre os dois grupos em comparação, ou seja, o *Grupo dos Analfabetos X Grupo de Escolaridade Baixa*, mas também, ao tratar-se das paroxítonas terminadas em ditongo crescente, diante de uma aplicação estatisticamente significativa do processo *elisão da 2ª vogal do ditongo* a essas palavras. Esse é um resultado que precisa receber destaque, já que não se encontrou na literatura a presença da aplicação desse processo a outras variedades do PB – parece, portanto, ser característico da região de Mostardas/RS e Tavares/RS o apagamento da segunda vogal do ditongo em palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente (exs.: *pátio*→*pati*; *cópia* →*copi*; *glória* →*glori*)

Ressalta-se que esse tipo de síncope implica o resultado ser uma palavra paroxítona, com acento não marcado.

Com o teste estatístico aplicado ao corpus do presente estudo, tem-se que os processos que mostraram diferenças significativas foram: *elisão da sílaba final*, nas proparoxítonas, e *elisão da segunda vogal do ditongo*, nas paroxítonas terminadas em ditongo crescente; ambos são processos de síncope e ambos os processos resultaram em palavras com acento não marcado no PB.

5 Formalização dos Dados à Luz da Teoria Métrica

Neste capítulo, apresenta-se a interpretação dos dados produzidos pelos Informantes sem Escolarização da Região de Mostardas/RS e Tavares/RS à luz da Teoria Métrica. Conforme já foi explicitado na Seção 2.3, para a Fonologia Métrica, o acento é uma proeminência, tem natureza relacional e é atribuído à sílaba: uma sílaba é mais forte em relação às mais fracas. Com esse suporte teórico, Bisol (1992) propôs uma regra para a atribuição do acento primário para o Português, pela qual os nomes cujo acento é não marcado são oxítonos terminados em sílaba pesada e paroxítonos terminados em sílaba leve (veja-se a Regra de Acento Primário apresentada em (4), na Seção 2.3). Seguindo-se a proposta de Bisol (1992), as palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente (foco do presente estudo) são, portanto, portadoras de acento marcado na língua.

De início, é preciso que se destaque que os dois tipos de palavras aqui estudados – proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente – são subjacentemente da mesma natureza, ou seja, proparoxítonas. Na Fonologia Métrica, a representação da atribuição de seu acento, de acordo com a proposta de Bisol (1992) (já mostrada na formalização em (6), na Seção 2.3), é feita de acordo com o que se apresenta em (10).

(10)

crédi<to>	páti<o>
(* .)	(* .)

Essa representação segue, portanto, a proposta de Bisol (1992) para o acento dos nomes no Português.

Nas seções seguintes, apresenta-se a interpretação dos processos aplicados às palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente pelos Informantes sem Escolarização que integraram o presente estudo.

5.1 Formalização dos processos aplicados às palavras proparoxítonas, à luz da Teoria Métrica

Propõe-se a formalização dos quatro tipos de processos aplicados às palavras com acento proparoxítono, sumarizados no Quadro 5 (Seção 4.1.1): (a) elisão da vogal postônica não final (criando uma sílaba com coda), (b) elisão da última sílaba da palavra, (c) elisão da consoante postônica (criando um ditongo crescente no final da palavra) e (d) alteração do acento (criando uma palavra paroxítona).

1º) Processo (A): elisão da vogal postônica não final, criando uma sílaba com coda

Por esse processo, uma palavra como *fôlego*, por exemplo, foi produzida como *folgo* – houve a elisão da vogal média /e/, núcleo da sílaba postônica não final; em virtude de o onset da sílaba postônica não final ser a lateral /l/, que é licenciada pelo sistema do Português para ocupar também a posição de coda silábica, com a elisão da vogal núcleo dessa sílaba, a consoante lateral foi ressilabada, passando a preencher a posição de coda da sílaba precedente (posição que estava vazia). Veja-se a formalização em (11), de acordo com a proposta de Bisol (1992), seguindo os pressupostos da Fonologia Métrica.

(11)

fôle<go> → folgo
(* .) (* .)

Destaca-se que a vogal /e/ elidida ocupava o lado fraco do pé do acento. Salienta-se ainda que a palavra derivada dessa elisão encontra licenciamento na fonologia da língua, uma vez que a consoante que ocupava o onset da sílaba postônica original (sílaba /le/), por ser uma líquida, também pode ocupar a posição de coda. O resultado da elisão foi uma palavra paroxítona, com estrutura silábica CVC.CV., a qual é portadora de um acento não marcado na língua, em conformidade com a parte (ii) da Regra de Acento proposta por Bisol (1992), apresentada em (4), na Seção 2.3. A sílaba originalmente portadora do acento primário continua a mesma, tendo apenas passado da estrutura CV para CVC.

2º) Processo (B): elisão da sílaba final da palavra

Neste processo, uma palavra como *crédito*, foi produzida como *crédi*; houve a elisão da sílaba final da palavra, o que é, segundo Bisol (1992), a sílaba extramétrica, a qual, na estrutura subjacente, não é contada para atribuição do acento. Assim, foi produzida apenas a estrutura que compõe o pé do acento, conforme mostra a formalização em (12)

(12)

$$\begin{array}{ccc} \text{crédi<to>} & \rightarrow & \text{credi} \\ (*.) & & (*.) \end{array}$$

Com a elisão da sílaba, o resultado foi uma paroxítona com acento não marcado e com a estrutura silábica CCV.CV a qual é portadora de um acento não marcado na língua, em conformidade com a parte (ii) da Regra de Acento proposta por Bisol (1992), apresentada em (4), na Seção 2.3. A sílaba que porta o acento primário não sofre alteração.

3º) Processo (C): elisão da consoante postônica, formando um ditongo

Com este processo há a elisão da consoante onset da sílaba extramétrica na representação subjacente da palavra, produzindo, assim, a estrutura que compõe o pé do acento. Uma palavra como *nítido*, por esse processo, foi produzida como *nítio*; veja-se a formalização em (13).

(13)

$$\begin{array}{ccc} \text{níti<do>} & \rightarrow & \text{nítio} \\ (*.) & & (*.) \end{array}$$

Com esta síncope, a palavra produzida segue com acento marcado: ela é produzida como paroxítona terminada em ditongo crescente. A sílaba que porta o acento primário não sofre alteração.

4º) Processo (D): alteração do acento

Este processo implica a permanência das mesmas estruturas silábicas e o deslocamento da sílaba proeminente mais para a direita, dentro do pé do acento. Com esse

deslocamento, a estrutura de atribuição de pés métricos é que se altera: a sílaba da borda direita deixa de ser extramétrica e o pé do acento desloca-se para a borda direita da palavra. O resultado é a atribuição de um acento paroxítono não marcado no PB. A palavra *pântano* foi produzida, por exemplo, como *pantano*; a formalização é mostrada em (14).

(14)

pânta<no> → pantano
(* .) (* .)

Nesse tipo de produção, o informante desconsiderou, portanto, a extrametricidade da última sílaba da palavra, atribuindo-lhe o acento em conformidade com uma estrutura não marcada da língua: paroxítona terminada em sílaba leve. Com a alteração do acento, o resultado foi uma paroxítona com acento não marcado e com a estrutura silábica CVC.CV.CV - esse é um acento não marcado na língua, em conformidade com a parte (ii) da Regra de Acento proposta por Bisol (1992), apresentada em (4), na Seção 2.3

5.2 Formalização dos processos aplicados às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, à luz da Teoria Métrica

Dá-se início a esta Seção retomando-se a posição, já expressa em seções precedentes, de que as palavras aqui identificadas como paroxítonas terminadas em ditongo crescente são consideradas proparoxítonas em sua estrutura subjacente. Esse entendimento faz com que lhes seja atribuída representação equivalente àquela que Bisol (1992) propõe às palavras proparoxítonas do Português, ou seja, com a última sílaba extramétrica, conforme a formalização em (15).

(15)

Páti<o>
(* .)

A seguir, propõe-se a formalização dos quatro tipos de processos aplicados às palavras com acento paroxítono terminadas em ditongo crescente, sumarizados no Quadro 6 (Seção 4.1.2): (a) elisão da 2ª vogal do ditongo crescente, (b) elisão da sílaba final da palavra, (c) epêntese e (d) metátese.

1º) Processo (A): elisão da 2ª vogal do ditongo crescente

Por este processo, houve a elisão da última vogal do ditongo, que se constitui, na subjacência, na sílaba extramétrica, que não é contada para a atribuição do acento: uma palavra como *pátio*, por exemplo, foi produzida como *páti*, houve a elisão da última vogal do ditongo, que se constitui, na subjacência, na sílaba extramétrica. A formalização do processo é mostrada em (16).

(16)

$$\begin{array}{ccc} \text{páti} < \text{o} > & \rightarrow & \text{páti} \\ (* .) & & (* .) \end{array}$$

Como a vogal elidida /o/ constituía uma sílaba extramétrica, o pé construído para a atribuição do acento primário da palavra foi integralmente mantido e, como consequência, a sílaba que porta o acento primário da palavra não sofreu alteração. Com a elisão da segunda vogal do ditongo crescente, a estrutura silábica da palavra ficou CV.CV e o acento resultou em forma não marcada na língua, em conformidade com a parte (ii) da Regra de Acento proposta por Bisol (1992), apresentada em (4), na Seção 2.3.

2º) Processo (B): elisão da(s) última(s) sílaba(s) da palavra

Neste processo, houve a elisão da sílaba extramétrica na representação subjacente e também da sílaba fraca do pé do acento, resultando na produção apenas da sílaba portadora do acento primário da palavra, como se vê na formalização em (17).

(17)

$$\begin{array}{ccc} \text{brônqui} < \text{o} > & \rightarrow & \text{bron} \\ (* .) & & (*) \end{array}$$

As sílabas elididas da palavra ocupavam posições fracas, uma vez que uma estava no lado fraco do pé do acento e a outra era extramétrica na forma subjacente, ou seja, era invisível à atribuição do acento. Vê-se que a sílaba que tem o acento primário da palavra não sofreu alteração; foi a única a ser reproduzida pelo informante.

3º) Processo (C): epêntese

Neste processo, houve a epêntese de uma consoante, que ocupou a posição de onset da última sílaba, ou seja, da sílaba considerada extramétrica na subyacência. A sílaba extramétrica, que era originalmente constituída apenas pela vogal /o/ (sílaba V), na forma se superfície seria ressilabada e passaria a ser parte de um ditongo crescente com a vogal alta da sílaba precedente, a qual seria produzida como glide: *dúbio* → *dú.[bju]* (a estrutura subjacente CV.CV.V passaria, na forma fonética, a CV.CGV). Com a epêntese de uma consoante na posição de onset da sílaba final V, na superfície passou a manifestar-se um pé datílico, conforme se verifica em (18).

(18)

dúbi<o>	→	dúbido
(* .)		(* . .)

Com essa epêntese, a palavra que, na forma de superfície, era considerada “paroxítone terminada em ditongo crescente”, passou a manifestar-se como “proparoxítone”. A epêntese ocorreu em posição fraca da palavra; o acento foi mantido na sílaba originalmente mais proeminente da palavra.

4º) Processo (D): metátese

Houve a metátese da vogal alta /i/ que, na forma de superfície do ditongo crescente final [ju], se manifesta como um glide. Na forma subjacente, essa vogal alta constituía o núcleo da sílaba que ocupa a borda fraca do pé do acento da palavra; com o processo de metátese, migra para a sílaba proeminente do pé, como se pode observar na formalização em (19).

(19)

sábi<o>	→	Saibo
(* .)		(* .)

Essa metátese originou a formação, na nova forma fonética da palavra, de um ditongo decrescente na sílaba do acento primário da palavra (*s[aj]bo*) e tornou a palavra dissilábica com acento paroxítono, que é não marcado no Português. Com esta metátese, a estrutura silábica final ficou CV, ou seja, tornou a palavra paroxítone terminada em sílaba leve, a qual é

portadora de um acento não marcado na língua, em conformidade com a parte (ii) da Regra de Acento proposta por Bisol (1992), apresentada em (4), na Seção 2.3.

A interpretação dos dados que constituíram o *corpus* desta pesquisa, com a formalização dos processos produzidos pelos Informantes sem Escolarização da Região de Mostardas/RS e Tavares/RS à luz da Teoria Métrica, em conformidade com a exposição nas Seções 5.1 e 5.2, conduz a uma conclusão relevante, ao se estabelecer uma relação com o resultado obtido pela análise estatística, apresentada na Seção 4.2. Pelo teste estatístico, verificou-se que a aplicação de dois processos de síncope mostrou significância: o processo de *elisão da sílaba final*, nas proparoxítonas, e o processo de *elisão da segunda vogal do ditongo*, nas paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Observem-se, em (20), as formalizações desses dois processos, retomando-se os exemplos mostrados em (12) e em (16).

(20)

crédi<to>→	credi
(* .)	(* .)

páti<o>→	páti
(* .)	(* .)

O pareamento dos dois processos em (20) é capaz de evidenciar a consistência do tratamento atribuído ao acento marcado pelos Informantes Analfabetos desta pesquisa: tanto nas palavras proparoxítonas (ex.: *crédito*), como nas palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente (ex.: *pátio*), os falantes de PB sem escolarização da região de Mostardas/RS e Tavares/RS estão elidindo a sílaba que, na estrutura subjacente das palavras, é extramétrica. A formalização dos dados, com o suporte da Teoria Métrica, seguindo-se a proposta de Bisol (1992) para a atribuição do acento aos nomes da língua, evidencia com clareza o tratamento uniforme dado às palavras cuja manifestação ocorre com o acento proparoxítono e às palavras cuja manifestação ocorre com o acento paroxítono, terminando em ditongo crescente.

Pela formalização em (20), pode-se dizer que os dois processos cujo emprego foi considerado estatisticamente relevante – o processo de *elisão da sílaba final*, nas proparoxítonas, e o processo de *elisão da segunda vogal do ditongo*, nas paroxítonas terminadas em ditongo crescente – são, para esses falantes, um único processo de síncope: *síncope de sílaba subjacentemente extramétrica*.

Esse tratamento uniforme que os falantes de PB sem escolarização da região de Mostardas/RS e Tavares/RS estão aplicando a palavras cuja manifestação seria proparoxítona e a palavras cuja manifestação seria paroxítona terminada em ditongo crescente pode também ser tomado como evidência de dois fatos:(a) evidência de que efetivamente esses dois tipos de vocábulos do Português (proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente) correspondem a proparoxítonas em sua estrutura subjacente e (b) evidência de que a regra de acento primário que Bisol (1992) propõe para não verbos do Português, com a utilização do recurso da extrametricidade, mostra pertinência – a sílaba considerada extramétrica na estrutura subjacente das palavras parece ser diferentemente processada por falantes da língua sem escolarização; a diferença no processamento dessas sílabas em relação às outras sílabas que constituem a palavra pode conduzir à sua elisão na forma fonética.

6 Conclusão

Este estudo buscou descrever, analisar e formalizar o tratamento dado por falantes de PB a dois casos de acento marcado na manifestação fonética de palavras da língua: palavras proparoxítonas (ex.: *médico*) e palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente (ex.: *pátio*). Seguindo o viés da Sociolinguística, a pesquisa voltou-se também para fatos sociais relacionados ao uso variável das palavras investigadas e estabeleceu o foco em falantes analfabetos e de baixa escolarização da região de Mostardas/RS e Tavares/RS. Os dados foram analisados à luz da Fonologia Métrica (HALLE & VERGNAUD, 1987; BISOL, 1992) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972,1994).

Constituíram o *corpus* do estudo os dados linguísticos de 12 Informantes – 6 analfabetos e 6 com baixa escolaridade – nascidos em Mostardas/RS ou Tavares/RS. Para a obtenção dos dados, foi criado um instrumento, elaborado com proparoxítonas, contendo, nas duas últimas sílabas, as vogais **i_o** e **i_a**, separadas pelas consoantes /t/, /d/, /k/, /g/, como *crédito*, *ácido*, *dívida*, *crítico*, *África*, *código*; e com paroxítonas terminadas pelas sequências **io**, **ia**, precedidas pelas consoantes /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ como *olímpio*, *cópia*, *lábio*, *tíbia*, *pátio*, *hóstia*, *médio*, *colóquio*, *reliquia*. Foi realizada uma entrevista sociolinguística individualmente com cada Informante.

Os resultados mais relevantes deste estudo passam a ser apresentados a partir da retomada das quatro questões que nortearam esta pesquisa, apresentadas no capítulo introdutório desta Dissertação.

- (i) *Como são tratadas, por falantes analfabetos e de baixa escolaridade da região de Mostardas/RS e Tavares/RS, as palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente? Há variação no seu emprego? Há a promoção de síncope nessas palavras? Quais são os tipos de síncope?*

É relevante destacar de início que apenas no *corpus* dos Informantes Analfabetos encontrou-se a aplicação de processos na produção das palavras analisadas. Evidenciou-se a aplicação variável do processo de síncope (foco deste estudo) em palavras proparoxítonas e

paroxítonas terminadas em ditongo, com resultados singulares em se comparando com outros estudos já realizados sobre o tema.

Identificou-se aplicação variável de quatro tipos de processos às palavras com acento proparoxítono: (a) elisão da vogal postônica (criando uma sílaba com coda), (b) elisão da última sílaba da palavra, (c) elisão da consoante postônica (criando um ditongo crescente no final da palavra) e (d) alteração do acento (criando uma palavra paroxítona). Desses quatro processos, vê-se que três são de elisão ou síncope, sendo que o único estatisticamente relevante foi um processo de síncope: elisão da última sílaba da palavra (*crédito* → *crédi*).

Quanto às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, também os dados mostraram a aplicação variável de quatro tipos de processos: (a) elisão da 2ª vogal do ditongo, (b) elisão da sílaba final da palavra, (c) epêntese e (d) metátese. De tais processos, dois são de elisão ou síncope, tendo-se mostrado estatisticamente relevante um processo de síncope: elisão da 2ª vogal do ditongo (*pátio* → *páti*). Exatamente esse processo de síncope constitui-se em um resultado singular do presente estudo, já que não se encontra registrado na literatura sobre fenômenos variáveis que se encontram no PB.

Destaca-se que as palavras resultantes dos dois processos aplicados a palavras proparoxítonas e a palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente que foram estatisticamente significativos são paroxítonas terminadas em sílaba leve, as quais são consideradas portadoras de acento não marcado.

Os dados revelam, portanto, que a síncope se faz presente como processo que tende a desfazer o acento marcado, manifestado em palavras proparoxítonas e em palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, na fala dos Informantes Analfabetos da Região de Mostardas/RS e Tavares/RS.

- (ii) *É possível determinarem-se diferentes níveis de marcação do padrão acentual proparoxítono e paroxítono terminado em ditongo, a partir do emprego variável do processo de síncope?*

A resposta a essa questão é positiva se forem tomados os percentuais de aplicação de processos a palavras proparoxítonas e a palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente: comparando-se os resultados dos Quadros 5 e 6 (páginas 55 e 61 respectivamente), tem-se que, na produção linguística dos Informantes Analfabetos, enquanto 21,57% das palavras proparoxítonas foram alvo de processo, 53,40% das palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente sofreram processos. O confronto desses dois índices leva à interpretação

de que o grau de marcação das paroxítonas terminadas em ditongo crescente parece ser superior ao das proparoxítonas para os Falantes Analfabetos da comunidade aqui estudada.

Essa interpretação encontra outra evidência na aplicação do processo de epêntese em palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente: da presença desse processo, resulta a produção de uma palavra proparoxítona (Ex.: *olímpio-olímpi[tu]*), mostrando ser essa forma de superfície preferível à forma terminada por ditongo crescente. E vale ainda observar que, de acordo com os registros no Quadro 6, esse foi o segundo processo, em frequência, ao tratar-se da produção de palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente.

(iii) *Há diferença no emprego variável do processo de síncope por falantes analfabetos e de baixa escolaridade?*

Também é positiva a resposta a essa questão, já que apenas os Informantes Analfabetos aplicaram processos na produção de palavras proparoxítonas e de palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente. Os Informantes Escolarizados, mesmo com poucos anos de frequência à escola, não aplicaram qualquer processo nas palavras produzidas, as quais se manifestaram em sua fala em consonância com o alvo da língua. Esse resultado leva à conclusão de que a escolaridade é variável condicionadora da produção das palavras com acento marcado que foram o objeto do presente estudo.

E ressalta-se, mais uma vez, que a incidência de aplicação de processos às palavras deste estudo, pelos Informantes Analfabetos, pode ser considerada alta: foram alvo de processo 44 proparoxítonas em um universo de 204 palavras (21,57%), e 157 paroxítonas terminadas em ditongo crescente, em um universo de 294 palavras (53,40%).

(iv) *Como se explicam os diferentes tipos de síncope em palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente à luz da Teoria Métrica?*

Formalizados os dados desta pesquisa à luz da Teoria Métrica, foi possível verificar-se que os processos aplicados pelos Informantes, tanto às palavras proparoxítonas, como às palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente, preservaram a sílaba originalmente portadora do acento primário da palavra e também mantiveram o acento primário na mesma sílaba (apenas em duas produções de palavras proparoxítonas o acento primário migrou para outra sílaba (*pântano-pantano*) – essa ocorrência de alteração da sílaba originalmente portadora do acento primário é registrada em um índice abaixo de 1%: 0,40% (2 ocorrências em 498 possibilidades – 204 possibilidades de palavras paroxítonas e 294 possibilidades de palavras paroxítonas terminadas em ditongo crescente).

A formalização dos processos aplicados pelos Informantes Analfabetos desta pesquisa sob os pressupostos da Teoria Métrica permitiu a verificação de que os segmentos e/ou as sílabas alvo das alterações ocupavam posição não proeminente: ou a borda fraca do pé do acento primário da palavra ou a sílaba considerada extramétrica da palavra em sua representação subjacente, de acordo com a proposta de Bisol (1992) para a atribuição do acento primário aos nomes do Português.

Pelas respostas apresentadas às questões norteadoras propostas para a presente investigação, verifica-se que as duas hipóteses propostas para o estudo, apresentadas no capítulo introdutório desta Dissertação, foram confirmadas pelos dados dos Informantes Analfabetos: (a) o acento marcado, no uso do PB, é evitado primordialmente pelo processo de síncope em palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente; (b) o processo de síncope pode implicar o apagamento de segmento vocálico, de segmento consonantal ou de sílaba e a busca de acento não marcado, no tratamento de palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente, mostra maior incidência em falantes analfabetos do que em falantes alfabetizados, mesmo que seja baixa a sua escolarização, pois o simples contato com a escrita, mesmo em casos de poucos anos de frequência na escola, e o acesso à informação que passa a tornar-se disponível ao indivíduo, pode introduzi-lo em diferentes usos e variantes da língua.

Ainda merece destaque a relevância da abordagem sociolinguística neste estudo, já que o grau de escolaridade foi condicionamento incontestado da ocorrência dos processos de que as palavras objeto de investigação foram alvo.

Por fim, entende-se que, em se tratando de acento marcado, há, ainda, muito a ser explorado, principalmente em relação ao nível de escolaridade dos falantes e a diferentes variedades da língua utilizadas nas diversas regiões do País. A continuidade da pesquisa acerca desse tema fica como perspectiva para estudos futuros.

Referências

- AGUILERA, Vanderci. As proparoxítonas na linguagem popular e rural paranaense. In: *Encontro Nacional da ANPOLL*, 9., Caxambu, 1994. *Anais*. João Pessoa: ANPOLL, 1995, v. 2, p. 808-818.
- AMARAL, Marisa Porto do. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: Bisol, Leda & Brescancini, Claudia. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. P. 99-126.
- ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. As palavras proparoxítonas no falar de fortaleza. In: *Acta Semiotica et Linguistica*. São Paulo, v. 8, p. 61-88, 2000.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso – por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola, 2013.
- BATTISTI, E. & HORA, D. da. Análise fonológica de processos variáveis do português. In: BISOL, L. & COLLISCHONN, G. (orgs) *Fonologia: teorias e perspectivas*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2013.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. re. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- _____. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38 ed. re. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BISOL, Leda. Aspectos da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, v.8, n.2, p. 263-284, 1992.
- BORTONI-RICARDO, Maris Stella. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BUENO, Elza Sabino da Silva e SAMPAIO, Emílio Davi (Orgs.). *Estudos da linguagem e de literatura - um olhar para o lato sensu*. Dourados: Editora UEMS, 2009.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMARA JR., Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CAMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 36 ed. Petrópolis: Vozes, 2004. P. 124.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Nova Mini Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). *Manual de Linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. *O tratamento da variação linguística no livro didático de português*. 2007. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, DF, 2007

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. São Paulo: Hulcitech, 1976.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Antonio Marcos; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 6.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013

Disponível em: <<http://ricardoazeredo.com.br/a-estrada-do-inferno/>>. Acesso em: 08 out. 2018.

Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2010/07/50-anos-depois-a-estrada-do-inferno-pavimentada-2967411.html>>. Acesso em: 08 out. 2018.

Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Mostardas>>. Acesso em: 08 out. 2018.

Disponível em: <<https://www.mostardas.rs.gov.br/pagina/view/1/institucional-sobre-historia-de-mostardas>>. Acesso em: 08 out. 2018.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.

GONÇALVES, Carlos Alexandre & RODRIGUES, Marisandra Costa. *Encontros vocálicos finais átonos na fala carioca: abordagem por ranking de restrições*. R. Let. & Let. Uberlândia-MG v.28 n.1 p. 207-231 jan.jun. 2012.

HAYES, Bruce. *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. Los Angeles: University of California, 1991.

HORA, Dermeval da. Sociolinguística. In: ALDRIGUE, Ana Cristina de Souza; LEITE, Jan Edson Rodrigues. (Orgs). *Linguagens: usos e reflexões*. v. 8. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmen Lúcia. *Fonologia, fonologias*. São Paulo: Contexto, 2017.

LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. Madrid: Cátedra, 1983.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Shere, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. The study of language in its social context. In: *Sociolinguistic Patterns*. 3 ed. Philadelphia: University of Pensylvania Press, 1975.

LEMLE, Miriam. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. *Tempo Brasileiro*, 1978, p 60-94.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna Gramática Brasileira*. 2. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

MAGALHÃES, J. & BATTISTI, E. Fonologia Métrica. In: HORA, D. da & MATZENAUER, C.L.B. (orgs) *Fonologia, Fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARROQUIM, Mário. *A língua do nordeste: Alagoas e Pernambuco*. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1945.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL/Laboratório Editorial/UNESP, Cultura Acadêmica, 1999.

MATEUS, M. Helena M. et al. *Gramática da língua portuguesa. Elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Almedina, 1983.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Da sócio-história do português brasileiro para o ensino do português no Brasil hoje. In: AZEREDO, José Carlos de. *Língua Portuguesa em debate – conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis- RJ: Vozes, 2000.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

QUEDNAU, Laura Rosane. *A evolução do latim clássico para o latim vulgar*. SIGNUM, v. 17, n. 1 p. 123-147, 2004.

QUEDNAU, Laura Rosane. A síncope e seus efeitos em latim e português arcaico. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 99-126.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, ThaïsCristófar. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática.1989.

STUBBS, Michael e GAGNÉ, Gilles. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2001.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1975].

Anexos

Anexo A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

1. Título da pesquisa

A síncope na redução varável de proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente no português de falantes analfabetos e de baixa escolarização da região de Mostardas/RS.

2. Justificativa e objetivos da pesquisa

Uma das justificativas da pesquisa é a escassez de estudos sobre diferentes processos de redução de palavras com acento marcado no Português. As palavras com acento marcado que são foco desta pesquisa são proparoxítonas (*abóbora, médico*) e paroxítonas terminadas em ditongo (*cópia, salário*). É inovador o estudo conjunto desses dois tipos de palavras, especialmente ao considerar-se o suporte teórico integrar a Teoria da Fonologia Métrica e a Teoria da Variação Linguística.

Justifica-se, assim, a presente proposta de investigação por seu tema pouco estudado, por sua pertinente e atual base teórica, pela abordagem de cunho sociolinguístico e também pelas discussões que deverá promover sobre fatos da fonologia do português.

O objetivo principal da pesquisa é, com foco no processo de síncope, descrever, analisar e formalizar o tratamento dado a palavras proparoxítonas e paroxítonas terminadas em ditongo crescente, que portam acento marcado no português, por falantes analfabetos e de baixa escolarização da região de Mostardas/RS.

3. Procedimentos que serão utilizados

Os dados que formarão o *corpus* desta pesquisa serão obtidos através da gravação de produções linguísticas que contenham as palavras selecionadas para esta pesquisa. A coleta de dados será feita com cada participante individualmente e contará com um instrumento, elaborado com palavras proparoxítonas, contendo, nas duas últimas sílabas, as vogais *i_o* e *i_a*, separadas pelas consoantes /t/, /d/, /k/, /g/, como *crédito, ácido, dívida, crítico, África, código*; e com palavras paroxítonas terminadas pelas sequências *io, ia*, precedidas pelas consoantes /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ como *olímpio, cópia, lábio, tibia, pátio, hóstia, médio, colóquio, relíquia*. Os participantes ouvirão uma frase gravada e deverão repeti-la. Essa produção linguística de cada participante será gravada em áudio e, subsequentemente, será foneticamente transcrita.

4. Incômodo ou riscos esperados

Não há nenhum incômodo ou risco a ser esperado nas gravações da presente pesquisa.

5. Benefícios que serão obtidos

Os resultados obtidos trarão informações relevantes aos estudos relativos à fonologia do português, para a descrição do comportamento do acento marcado no Português e, também, para o ensino da língua nas escolas.

6. Garantia de resposta a quaisquer perguntas

Garante-se a todos os participantes o direito de obter informações sobre a pesquisa, a qualquer momento.

7. Garantia de privacidade

A identidade dos investigados será preservada. Em trabalhos realizados a partir das gravações, o nome verdadeiro não será mencionado. Em substituição ao nome, cada informante receberá um número.

DECLARAÇÃO INFORMADA

Declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa descrita anteriormente de maneira clara e detalhada. Recebi informações sobre a maneira como serão coletados os dados e tive a oportunidade de esclarecer as minhas dúvidas. Sei que, a qualquer momento, poderei solicitar novas informações e modificar a minha decisão se desejar. A pesquisadora Miriam Beatriz Pedone de Souza, responsável pela pesquisa, me garantiu que minha identidade será preservada e de que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa a qualquer momento. Caso tenha dúvidas, posso entrar em contato pelos telefones que seguem:

Email da pesquisadora: miriam.pedone@hotmail.com

Telefone da pesquisadora: (53)991516658

Nome e assinatura do Paciente ou Voluntário

Nome e assinatura do Responsável Legal, quando for o caso

Nome e assinatura do responsável pela obtenção do presente consentimento

Nome e assinatura do pesquisador responsável

Anexo B - Ficha Social

Pesquisa: A SÍNCOPE NA REDUÇÃO VARIÁVEL DE PROPAROXÍTONAS E PAROXÍTONAS TERMINADAS EM DITONGO NO PORTUGUÊS DE FALANTES ANALFABETOS E DE BAIXA ESCOLARIZAÇÃO DA REGIÃO DE MOSTARDAS/RS

Nome:	
Idade:	Sexo:
Local de Nascimento:	
Reside na comunidade _____ por quanto tempo? _____	
Morou em outras localidades? () Sim /Quanto tempo? _____ () Não	
<i>Qual é a sua escolaridade?</i>	
() Ensino Fundamental Completo	() Ensino Fundamental Incompleto (até 4ª série)
() Ensino Médio Completo	() Ensino Médio Incompleto
() Analfabeto	() Ensino Superior Incompleto
Possui filhos? () Sim /Quantos? _____ () Não	
<i>Que idade têm os filhos?</i> _____	<i>Qual é a escolaridade dos filhos?</i>
() Ensino Fundamental Completo	() Ensino Fundamental Incompleto (até 4ª série)
() Ensino Médio Completo	() Ensino Médio Incompleto
() Analfabeto	() Ensino Superior Incompleto
Tem contato muito frequente com os filhos? () Todos os dias () Uma vez por semana () Uma vez por mês () Uma vez a cada 6 meses () Mais raramente	
<i>Você possui conhecimento de outras línguas?</i> () Sim / Quais? _____ () Não	
<i>Você exerce alguma profissão fora de casa atualmente?</i> () Sim Qual: _____ () Não	
<i>Onde você passa a maior parte de seu tempo?</i> () Em casa () No trabalho () Outro _____	
<i>Sobre seus pais</i> Qual o local de nascimento de seus pais? Pai: _____ Mãe: _____ Por quanto tempo seu pai vive na comunidade de _____? Por quanto tempo sua mãe vive na comunidade de _____?	

Questões gerais

Qual é a escolaridade dos patrões? _____

Quanto tempo tem contato com os patrões? _____

Quais atividades de lazer você costuma praticar? _____

Entrevistador: _____

Data da entrevista: ____/____/____ **Tempo de duração da entrevista:** _____